



Universidade Federal
de Campina Grande



UFCG - Campus de Cajazeiras - PB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO SEMIÁRIDO NORDESTINO**

MARIA DOS REMÉDIOS DA SILVA

**UIRAÚNA - PB, “TERRA DOS SACERDOTES E DOS
MÚSICOS”: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES (1970)**

Cajazeiras – PB

2011

MARIA DOS REMÉDIOS DA SILVA

**UIRAÚNA - PB, "TERRA DOS SECERDOTES E DOS
MÚSICOS": DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES (1970)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Semiárido Nordestino, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito à obtenção do título de Especialista em História do Semiárido Nordestino.

Orientadora: Prof^a. Ms. Viviane Gomes de Ceballos.

Cajazeiras – PB

2011



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586u SILVA, Maria dos Remédios da
Uiraúna, "Terra dos sacerdotes e dos músicos":
discursos e representações./ Maria dos Remédios da
Silva. Cajazeiras, 2011.
94f. : il.

Orientadora: Viviane Gomes de Ceballos.
Monografia (Especialização) UFCEG/CFP

1. Uiraúna – Paraíba – História - sacerdotes e músicos. 2. Discursos e representações – sacerdotes e músicos – Uiraúna – Paraíba. I. Ceballos, Viviane Gomes de.
II. Título.

UFCEG/BS

CDU – 94(813.3)

MARIA DOS REMÉDIOS DA SILVA

**UIRAÚNA - PB, “TERRA DOS SACERDOTES E DOS
MÚSICOS”: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES (1970)**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Especialista em História do Semiárido Nordeste, aprovada em sua forma final pelo Curso de Especialização em História do Semiárido Nordeste da Universidade Federal de Campina Grande.

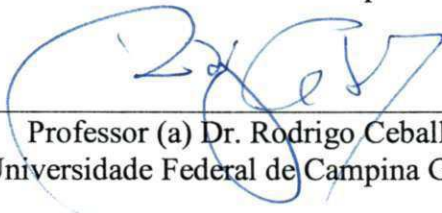
Cajazeiras, 20 de setembro de 2011.



Professor (a) Ms. Viviane Gomes de Ceballos (orientador (a)).
Universidade Federal de Campina Grande



Professor (a) Dr^a Maria Lucinete Fortunato
Universidade Federal de Campina Grande



Professor (a) Dr. Rodrigo Ceballos
Universidade Federal de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA VITÓRIA

A DEUS

Por tantas vezes, senti minha alma se abater e
Vós me destes a coragem necessária para
continuar. Porque Senhor, sem a esperança não
haverá luta, sem a certeza do teu amor não
haverá vitória. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ter me proporcionado atingir esse objetivo com determinação.

Aos meus pais Francisco e Lourdes pelo apoio e compreensão. Aos irmãos: Antônia, Antônio, Raquel, Asomar, Josimar, Luzineide, Lurdete, Conceição e Vaney pelos incentivos e encorajamentos.

Aos cunhados, sobrinhos, primos, tios e avós pelo carinho.

Aos amigos (as) pela compreensão de minha ausência.

Aos que fazem a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Uiraúna, PB.

Aos professores (colegas de trabalho) e alunos do Projovem Urbano.

Aos colaboradores da pesquisa empírica pela atenção e viabilização. Obrigada!

Aos colegas da turma de Especialização: Ana Paula, Eliener, Lygia, Luciana, Kássia, Renato e Eugênio, pelo companheirismo e troca de experiências...

Aos professores do curso: Dr^a Maria Lucinete, Dr. Osmar Luiz, Dr. Rodrigo Ceballos, Ms. Isamar Gonçalves e a Ms. Viviane Ceballos pelo o amadurecimento intelectual.

Aos Professores da Banca Examinadora, pela contribuição num momento tão especial de minha vida.

E A VOCÊ MESTRA! Professora Viviane Gomes de Ceballos, que me compreendeu, me estimulou e me enriqueceu com seu saber e sua experiência. Serei sempre grata, por tudo que aprendi. Agradeço por sua atenção e profissionalismo.

Obrigada!

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAIAZEIRAS - PARAÍBÁ

“Um dia ou outro temos que nos separar do que já vivemos, do que já sabemos, do que compreendemos, partindo para uma experiência de vida diferente” (Fernand Braudel).

RESUMO

O presente trabalho objetiva estudar como a cidade de Uiraúna (PB) foi se constituindo enquanto representação discursiva de uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos”, especificamente a partir dos anos de 1970. Período que apresenta a fase de legitimação desta representação discursiva sobre esta cidade, que aparece exacerbada pelos discursos dos uiraunenses. O que permite uma compreensão da construção desta imagem como uma construção histórica sobre Uiraúna. Partindo do pressuposto de que os discursos que instituem o referido conceito estão postos a partir de um lugar social com suas intencionalidades e conveniências. Refletem ainda, os conceitos sobre memória, história oral, discurso e cidade. Bem como a origem dessa cidade ligada à figura do Padre França; e o apoio à música relacionado ao Padre Costa e ao Padre Antônio Anacleto de Andrade.

Palavras-chave: Cidade 1. Discurso 2. Sacerdotes/Músicos 3.

ABSTRACT

This work aims to analyse Uiraúna (a town situated in Paraíba, in North-Eastern Brazil) historical evolution, and how was its historical formation, according to the speech representation concerning a “Priests and Musicians Uiraúna”, especially since the 1970th, a historical period in which we can observe the legitimation of such a representation about this town, such as it is present in its inhabitants, with exacerbation. Taking into account the hypothesis that the speeches composing that concept are related to a social place with its intentionality and its conveniences, presenting, at the same time, some links to concepts such as oral historical memory, speech and city, as well as to Uiraúna’s origin related to historical personalities such as the priests França, Costa and Antônio Anacleto de Andrade and their musical support.

Key words: City 1. Speech 2. Priests/Musicians 3.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----------|
| IMAGEM 01 – Mapa: localização geográfica da cidade de Uiraúna/PB | 33 |
| IMAGEM02 – Bandeira do Município de Uiraúna/PB..... | 36 |
| IMAGEM 03 – Brasão da cidade de Uiraúna/PB..... | 37 |
| FOTO 04 – Banda de Música Jesus Maria e José | 55 |
| FOTO 05 – Praça dos Músicos: Zequinha Correia, 1985..... | 56 |
| FOTO 06 – Praça Padre França..... | 57 |
| FOTO 07 – Dedé de Capitão | 63 |
| FOTO 08 – Banda de Música Jesus Maria e José no patamar do templo Jesus Maria e José..... | 66 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. POR UMA LEITURA SOBRE MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL, DISCURSO E CIDADE | 19 |
| 1.1 Memória e História Oral..... | 19 |
| 1.2 Discurso e análise de discurso..... | 23 |
| 1.3 Ideia de Cidade..... | 28 |
| 2. UMA UIRAÚNA DO SACERDÓCIO E DA MÚSICA: VOCAÇÃO OU LEGITIMAÇÃO DE UM SABER/PODER? | 30 |
| 2.1 Uiraúna: "terra dos sacerdotes" | 33 |
| 2.2 O contexto da vocação sacerdotal | 41 |
| 2.3 Uiraúna: "Terra dos Músicos" | 49 |
| 3. UIRAÚNA NAS TRILHAS MUSICAIS: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIAS?..... | 54 |
| 3.1 Banda de Música Jesus Maria e José..... | 55 |
| 3.1 Dedé de Capitão: vivência de um músico | 62 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| REFERÊNCIAS | 75 |
| ANEXOS | 79 |
| ANEXO – A: ESCRITURA DE DOAÇÃO DE TERRA, QUE O PADRE FRANÇA E SEUS FAMILIARES FIZERAM PARA CONSTITUIR O PATRIMÔNIO DA SAGRADA FAMÍLIA | 79 |
| ANEXO – B: CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DA ENTREVISTA COM JOSÉ GOMES | 82 |
| ANEXO – C: ENTREVISTA ORIGINAL E TRANSCRITA NA ÍNTEGRA: MÚSICO JOSÉ GOMES (DEDÉ DE CAPITÃO) | 83 |

INTRODUÇÃO

A história enquanto disciplina emerge no século XIX, época em que a “história-conhecimento” se distanciou da metafísica, do mítico, do lendário, do irreal, e se firmou nas vertentes positivistas com o método objetivo, empírico, confiável. Desta forma, a história voltava-se para as grandes narrativas no sentido de abordar uma história completa e absoluta, dos grandes eventos, dos grandes feitos como a história dos vencedores e dos reis apresentados como heróis, etc. Com isto, surge um conhecimento histórico científico/positivo, real, racional, metódico pautado na pesquisa documental. Como afirma José Carlos Reis:

(...) a história científica do século XIX, em suas várias orientações, sustentava que não queria pensar a história especulativamente, com apriori(s) verificáveis; não queria falar sobre o dever-ser histórico, sobre o futuro, sobre o que fazer, sobre o sentido final da história, mas sobre a história tal como aconteceu, como fato, como ocorrência, como passado, como conhecimento de eventos únicos e irrepetíveis, singulares, situados documentalmente em uma data e lugar. Inspirados nos gregos, foi [*sic*] isso o que os historiadores-cientistas do século XIX pretenderam fazer (REIS, 2006, p. 38).

Nesta concepção, o historiador diante da análise de seu objeto, deveria manter-se neutro e imparcial na ideia de não alterar subjetivamente a verdade dos fatos. Isto é, o historiador sendo produtor do conhecimento histórico, não poderia julgar nem problematizar os fatos, mas manter um olhar indiferente diante de seu objeto com o intuito de evitar questionamentos que viessem a comprometer a reconstituição legítima dos fatos ocorridos. Deste modo, o resultado final desta postura imparcial do historiador seria a produção de um conhecimento histórico verdadeiro, descoberto através do documento oficial e considerado como único de teor confiável.

Esta postura positivista do referido século XIX teve sua validade para a história enquanto ciência. A qual se distanciou da produção literária, fictícia e lendária, através de métodos que caracterizaram o fazer histórico sob bases científicas, com ênfase no documento oficial, no evento e na observação, onde procurava conhecer fatos reais e verossímeis.

Segundo Reis (2006), pensadores do século XIX como Nietzsche, Karl Marx e Freud abriram brechas que possibilitaram a crítica sobre a modernidade e o conhecimento histórico. Nietzsche argumentava que o conhecimento histórico ocidental, liderado racionalmente, era incapaz de conhecer a vida, somente desconhece e mata-a. Pois, a história científica queria repetir a grandeza passada, uniformizando e depreciando a diferença do vivido particular.

Ainda argumentava que uma história que servisse a vida, lutaria contra todo o determinismo, o reducionismo e o mecanismo como direção única e universal do viver.

Neste sentido, a história precisava conservar a ousadia, seguir a imaginação e os instintos que conduzem ao estabelecimento de um novo tempo para reiniciar a vida, conhecer os sentidos particulares e históricos, e valorizar tudo o que foi negado pela história racional. Com essa nova representação da historicidade, o autor recusava as filosofias da história e a história científica, bem como, o projeto moderno.

Por seu turno, Marx e Freud também eram críticos da concepção moderna da história como produção da autoconsciência e da liberdade, isto se explica em parte, devido aos momentos dramáticos de guerras internas e externas que derrotaram a Europa. Esta deixou de ser a Civilização propagadora de ideais universais. Por isto, intérpretes como Habermas, Keith Jenkins, Devid Harvery, Gidens pressupõem que estamos vivendo algo diferente como se fosse uma pós-modernidade.

Essa pós-modernidade busca deslegitimar o domínio da história racional, tendo em vista que a razão universal era a máscara do interesse particular europeu, de instrumentalizar o mundo. Ainda afirmam que essa pós-modernidade efetivou-se historicamente no mundo ocidental pós 1945, quando emergiu um mundo americano, pós-industrial, pós-fordista, etc.

O século XX deu conta dessa mudança do pensamento pós-moderno, em que a pós-modernidade tende a desconstruir os aspectos modernos e passa a valorizar o que a razão rejeitava: o homem selvagem, a loucura, a criança, o delinquente... Desvendam outras lógicas de pluralidade cultural. O ocidente se percebe não-linear, há empenho por pequenos dados e eventos individuais; descarta-se a problemática de uma história global. Surge também um olhar em migalhas, curioso de fatos e biografias de indivíduos diferentes, não apenas aqueles considerados heróis.

Há uma consciência de abertura, na medida em que a pós-modernidade define um estado de espírito, uma consciência de ruptura mais que uma realidade cristalizada. Existe por exemplo, uma consciência de que a economia e a sociedade são regidas por novos imperativos como a tecnociência computadorizada, que invade nosso espaço social e quer substituir parcialmente o professor e o livro pelo computador pessoal. Contudo, ninguém sabe o que isso significa.

Na perspectiva marxista, Reis (2006) afirma que após a Segunda Guerra Mundial realmente emergiu uma nova sociedade identificada pelo consumo, pela rapidez da transformação, modas e estilos passageiros, publicidade invasiva, TV e mídia pela substituição da tensão cidade-campo, centro-província, etc., sinalizando o fim do mundo pré-

guerra. Nessa cultura consumista ou pós-moderna, o passado é evocado sem compromisso de conhecê-lo como ocorrido. Vive-se um eterno presente em aparente mudança contínua que destrói as tradições e as expectativas. A mídia consome o recente e logo o põe como passado, e procura manter vivo o presente-contínuo. Assim, o tempo é fragmentado numa série de voláteis instantes percebidos como eternos.

Então os intérpretes do século XIX que resistiram ao sentido teleológico das filosofias da história designando uma representação estrutural da história prevaleceram na primeira metade do século XX. Acompanhando Marx, Freud e Saussure, o estruturalismo arraigou a revolução cultural pós-moderna. Neste caso, foi o estruturalismo que efetivou a multiplicidade das direções históricas contra o progresso, rejeitou a história global, desconfiou da clareza racional moderna, suspeitou da revolução e da fantasia que desconstruiu a subjetividade moderna. Assim, Reis (2006) comenta que o estruturalismo descentrou o sujeito e a história, impediu a utopia sem controle técnico e resistiu ao conhecimento especulativo.

Temendo a razão a brotar, o estruturalismo procurou abrigo numa temporalidade espacializada, destacando as constantes e longas durações e as estruturas. Possibilitando a história se desacelerar e se fragmentar em períodos sem conexão e sem uma coerência prática a desconstrução da razão. Por outro lado os fundadores da visão estruturalista Marx, Freud e Saussure são ainda iluministas: querem a tomada da autoconsciência pelo sujeito que busca ainda a livre escolha.

Nos anos 60, o pós-estruturalismo avança muito mais na recusa da modernidade, radicalizando algumas teses do estruturalismo, ele questiona a própria noção de realidade. Uma vez que a desconstrução pós-estruturalista é desrealizadora, ao questionar o próprio efeito de real que suplanta a realidade. No sentido de que a imagem supercolorida e hiperdimensionada de um objeto tornasse maior e mais real do que o sugestivo. Assim, a ruptura com a representação moderna da utopia é vivida como se fosse uma restauração da vida.

Há os que acreditam que a razão não foi superada e que o projeto moderno mesmo com a crise permanece em vigor. Habermas é um destes, e diz que ela é capaz de superar-se refletindo sobre si mesma, poderia suplantar seus próprios desvios e falhas.

Quanto à história-conhecimento foi afetada profundamente com as grandes mudanças na ciência e tecnologia que criaram uma atmosfera cultural nova. Nisto, o novo ambiente cultural se apresenta complexo: o tempo presente é de globalização e individualismo, de superação com o futuro e o passado, o de prazer com o presente, de intensa comunicação e sofisticação dos equipamentos e esfriamento da discussão das questões humanísticas, etc.

Os cientistas sociais rejeitam as filosofias da história moderna que tem a visão ampla, intolerância, resistência ao irracionalismo e insensível à tradição. Para eles, o sentido dos eventos só pode ser conhecido através da pesquisa científica e teorização específica. Os historiadores se desinteressam pela história global e pensam em termos de descontinuidades e estruturas, fragmentação. Também há o argumento de que nessas últimas décadas a temporalidade histórica alterou em virtude do presente não dialogar mais com o passado e com o futuro como antes, que buscava referências e valores.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o campo da ciência e da técnica vem se transformando tão rápido que está levando a outras crises profundas, a saber: os valores, os hábitos, os comportamentos e os diversos saberes constituídos estão em xeque – religião, família, trabalho, vida intelectual, vida cotidiana, etc., não são mais os mesmos. Nem o conhecimento histórico é o mesmo dos anos 60. Cada esfera tem sua forma própria de reagir e agir, com linguagem, recursos e tendências próprias.

Nesta percepção, o conhecimento histórico mais próximo das transformações pós-modernas atuais prioriza a esfera cultural. A cultura pode ser definida como o mundo das idéias, comportamentos, linguagens, representações, entre outras. Na economia, por exemplo, é uma forma histórica e particular de representar a produção da riqueza. Então, esta discussão parcialmente resume-se da seguinte forma: valorização da alteridade, da diferença regional e local; pequenos cortes no todo social; apego à micro-narrativa e a descrição densa em detrimento da explicação geral. Enfim, há ênfase no individual, na redefinição interdisciplinar e do tempo longo, no irracional e nas representações.

Por isto, na segunda metade do século XX a história envereda pelas trilhas que enfatizam a loucura, a criança, o ladrão, a mulher, o indivíduo, o diferente, entre outros. Os historiadores perceberam que era impossível constituir uma história global, uma vez que não podemos olhar para todos os aspectos de uma sociedade ao mesmo tempo e constituir uma versão global sobre a mesma. Temos apenas um ponto de vista parcial a respeito da mesma.

Certeau (2002) comungando dessa mesma perspectiva diz que o

historiador não é mais o homem capaz constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global (...). Trabalha nas margens. Do ponto de vista se transforma num vagabundo. Faz um desvio para a feitiçaria, a loucura, a festa (CERTEAU, 2002, p. 87).

Este desvio feito pelo historiador também caracteriza a nova realidade defendida como pós-moderna, marcada pelo tempo da desaceleração da história global, das grandes narrativas

que se fragmentam em múltiplas e pequenas narrativas parciais, sem mais sentido de um futuro utópico. Isto é, a história deixou de produzir um conhecimento histórico que visava uma história total, com o sentido de tempo linear, progressista, etc. Mas, procura valorizar o tempo do eterno presente, do cotidiano, sem perspectiva utópica de mudança.

Neste aspecto, os historiadores produziram uma nova concepção sobre três elementos fundamentais do fazer historiográfico, a saber: o documento histórico, a problemática de estudo e o conhecimento histórico. Em síntese, o documento histórico, constitui o material¹ de um determinado período, elencado e isolado pelo historiador que lhe dá outro significado e funcionalidade para lhe auxiliar na problemática de estudo.

Para tanto, a própria postura do historiador se altera. Torna-se um observador social diante da análise de seu objeto de estudo, de forma que passa a explorar não mais a generalidade e amplitude do objeto, mas, interessa-se pela singularidade e particularidade do mesmo em uma dada realidade.

Nesta perspectiva, Michel de Certeau (1994) no texto “Caminhadas pela Cidade” faz referência à cidade de Nova Iorque, onde é possível aos caminhantes da cidade ou aos observadores olharem-na do 110º andar do World Trade Center, e vê-la como uma ilha urbana. Desta altura é possível observar os diversos pontos da cidade, os monumentos suntuosos, os arranha-céus, os contrastes entre os edifícios, suas inovações arquitetônicas. Cidade vista como lugar que curte os passados e cria o seu presente de instante em instante. Ela é vista como um universo em sua totalidade e pura criação humana que pode ser lida, de modo que Certeau se questiona de onde surge o gosto de “ver o conjunto” (CERTEAU, 1994, p. 170), de exceder o mais gigantesco da invenção humana, sem poder analisar e nem compreender esta gama de elementos vistos de forma ampla.

Nesta ideia há encanto para o espectador que observa uma cidade de cima, a fim de ver sua amplitude com um olhar divino e totalizador, que não consegue ver os pormenores, as façanhas de seus habitantes e suas práticas cotidianas. Desta forma, o ponto de vista que Certeau expõe, serve para todos os tipos de cidade, não importa a dimensão, seja em qualquer lugar do mundo. Observá-la de cima possibilita um olhar amplificador, caracterizador e generalizador dos espaços. Por conseguinte, caminhar em seus espaços, admite descobrir outras feições que também faz a cidade e concede a mesma a diversidade que lhe é essencial.

¹ Este material produzido pode ser: documentos públicos, privados, oficiais, extra-oficiais, objetos, imagens, fotografias, relatos e textos diversos. Ou seja, todo vestígio que dá indício da vivência humana, pode se constituir em documento histórico, que possa representar uma dada realidade. Isto também pode ser uma *fonte documental*, considerando que esses registros sirvam de suporte para o problema criado pelo historiador num determinado tempo e espaço.

Por meio desta postura, o historiador consegue produzir uma história sobre a cidade sem herói e sem atores, uma história que tenha legibilidade. É com esta postura, que olhamos para a cidade de Uiraúna², não com um olhar totalizador de um observador que vê a cidade a partir de generalidades, representando-a de forma homogênea. Mas olhando-a a partir de suas particularidades, mergulhando no seu cotidiano, podemos ver as práticas de seus moradores, as estratégias de sobrevivência, os discursos de seus cidadãos associando-a como uma “Uiraúna do Sacerdócio e da Música”.

Neste aspecto, ressalta-se que a história e os homens são dinâmicos, e estão em constantes mudanças marcadas por tensões, reações, discursos, representações e práticas que definem e instituem os espaços e os sujeitos sociais numa dada realidade em qualquer sociedade. As tramas e as relações de poder que elaboram as representações também passam por estas mudanças resultantes da dinamicidade da vivência humana que possibilita as mudanças destas relações de poder e ao mesmo tempo vivem nelas.

O que não difere das tramas e das relações de poder vivenciadas na cidade de Uiraúna, que é historicamente marcada pelo domínio de uma elite que tem utilizado de recursos diversos para sua permanência no exercício de poder (este poder a que nos referimos não se refere diretamente ao poder político partidário, mas ao poder anônimo, que surge da representatividade e dos *status* sociais), cuja representação transparece a dominação da elite falando para si. Esses recursos podem ser caracterizados por meio de relatos, imagens, símbolos, discursos, etc., que servem de apontamentos legitimadores de um dizer, de falas.

Deste modo, o discurso não pode ser entendido apenas como a verbalização das palavras, mas se forma de enunciados que configuram um “poder”, que se institui e se torna legítimo a partir de uma realidade vivenciada pelos indivíduos.

Em “A Ordem do discurso”, Foucault (1999) nos passa a ideia de que o discurso é uma prática social, sempre se produz a partir de relações de poder. Assim como os discursos

² Documento de uso interno da Secretaria de Educação deste Município informa que Uiraúna localiza-se no alto sertão paraibano- região semiárida a Oeste do Estado da Paraíba. Também faz parte da microrregião da cidade de Cajazeiras deste Estado; limita-se ao norte com os municípios de Luiz Gomes, Major Sales e Paraná (no Estado do Rio grande do Norte), ao sul com São João do Peixe, ao leste com Vieirópolis e ao oeste com Santarém (atualmente nomeada de Joca Claudino), municípios da Paraíba. Município formado por terrenos planos e pouco acidentado possui clima quente e seco, chuvas periódicas. Apresenta uma vegetação diversificada com características da caatinga, formada de arbusto de pequeno porte. Não possui rios permanentes, mas dos rios temporários destaca-se o Rio do Peixe com nascente no sítio Tanques desta cidade, e segue para a cidade de São João do Rio do Peixe. (2003, p. 2)

Segundo o censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Município de Uiraúna possui uma população aproximadamente de 14.454 habitantes, numa área de 262,2 km².

produzem poder também produzem saberes. Para ele, tudo é prática e tudo está mergulhado em afinidades de poder e saber. Dando a entender-se reciprocamente como amarradas às das relações de poder que as sugerem e as atualizam por não serem imóveis, mas dinâmicas e mutáveis.

Semelhantemente, apontamos que os discursos dos uiraunenses estão postos a partir do lugar social, institucional, da posição social enquanto sujeito das coisas ditas. Assim, o sujeito que ocupa diversas posições como: músico, vereador, comerciante, religioso, etc., falam a partir do lugar social, institucional adequando o seu discurso a função que exerce no momento e da posição social enquanto sujeito das coisas proferidas.

Estudar como a cidade de Uiraúna foi se constituindo enquanto representação discursiva de uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos”, especificamente a partir dos anos de 1970 permite compreender como adveio a construção desta imagem. Período escolhido para estudar a relação de representação da cidade a partir da alcunha de “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” que aparece recrudescida pelos discursos dos uiraunenses.

Vale destacar que a escolha deste recorte temporal se explica parcialmente por ter havido nos anos 70 a criação da Bandeira Municipal que tem o *slogan*: “BERÇO SACERDOTAL” e uma “clave de sol” que simboliza a música. Também no livro de Atas do Poder Legislativo da referida década está registrada a aprovação da criação dessa bandeira, bem como a ausência de discussão sobre a mesma. Além disto, há uma preocupação com os músicos em torno de: aumento salarial, fardamento, o problema de migração de alguns músicos para outros Estados, e a participação da Banda de Música Jesus Maria e José em eventos de outras cidades como Sousa, Campina Grande e João Pessoa.

Até que ponto esses discursos mantêm vivo/válido esta tão mencionada “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”, de modo que ajude a legitimar uma característica vista como peculiar de Uiraúna? Por conseguinte, o grupo de indivíduos proferidores dos discursos da referida alcunha são pessoas vinculadas ao Poder Público Municipal, familiares de padres e ex-padres e pessoas que são músicos ou são familiares de ex-músicos. O assunto em estudo proporciona questionamentos diversos: por que, por quem e como esta alcunha “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” atribuída a Uiraúna foi legitimada? Em que época e por quem a mesma tem se constituído? Por que esses discursos aparecem? Quais foram às contribuições que os sacerdotes e os músicos trouxeram para Uiraúna?

Dessa forma, esse trabalho se justifica por se colocar como possibilidade de discussão sobre a imagem construída para a cidade de Uiraúna, na tentativa de entender o processo de construção da mesma. Uma discussão que *a priori* nos parece simples, possibilita uma

compreensão da construção desta imagem, como a mesma se formou e que interesses estavam por trás desta proposta. Enfim, percebê-la como uma construção histórica sobre a história de Uiraúna. Mostrando como essa elaboração é fruto de uma complicada rede de interesses de indivíduos da cidade, e que é essa disputa que move a atribuição dessa alcunha à cidade.

Portanto, este trabalho não pretende legitimar nenhum discurso e nenhuma forma de representação, mas objetiva contribuir para o debate sobre esta temática, tecendo uma possível leitura daquilo que se diz e que se pensa da cidade de Uiraúna como *locus* do sacerdócio e da música.

Tendo em vista a complexidade da temática a ser abordada para a finalidade de proporcionarmos uma melhor compreensão da pesquisa, organizamos esta monografia em três capítulos conforme a estrutura a seguir:

No primeiro capítulo, intitulado: *“Por uma leitura sobre memória, história oral, discurso & cidade”*, abordamos os conceitos fundamentais que fornecem o suporte teórico essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como, para as discussões dos demais capítulos.

No segundo capítulo: *“Uma Uiraúna do Sacerdócio e da Música: vocação ou legitimação de um poder/saber?”*, discutirei que relações existem entre poder/saber concernentes aos discursos e representações que vão além do imaginário construído sobre Uiraúna. Para tanto utilizarei os relatos de cidadãos uiraunenses e artigos relacionados à cidade publicados na Revista Uiraúna que constrói uma memória institucionalizada para a cidade. Além das Atas da Câmara Legislativa local e o livro de Tombo nº 1 da Diocese de Cajazeiras (PB), o livro de Tombo nº 02 da Paróquia (local) Sagrada Família: Jesus Maria e José.

No terceiro capítulo, *“Uiraúna nas trilhas musicais: estratégia de sobrevivência?”*, pretendo analisar as trilhas da musicalidade entre vocação e estratégia de sobrevivência, tecendo um olhar sobre a Banda de Música Jesus Maria e José e o seu contexto histórico. Isto associado com a vivência de um músico, conhecido por Dedé de Capitão. Tendo como base a pesquisa documental e a entrevista com o referido músico.

CAPÍTULO: I

POR UMA LEITURA SOBRE: MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL, DISCURSO & CIDADE

1.1 Memória & História Oral

A memória como geradora de conhecimento deve ser vista como uma usina capaz de propor relatos que sirvam para encantar ou anestesiar lembranças caras pelo impacto social. Não se despreza, porém, a alegria e pertinência de histórias que mereçam registros (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 74).

A discussão em torno da memória é bastante desafiadora devido à enorme complexidade da mesma em termos científicos. Resumidamente, esta discussão ocorre em torno da memória do indivíduo, compreendida como experiência de vida, associada ao vivido da família, do grupo, do meio social e do lugar. Porque a memória do indivíduo é vista como memória social, pois ela depende do convívio com a família, amigos, com a profissão, com as instituições (escola, igreja), etc. Através desta memória social, pode-se veicular informação da memória coletiva, bem como da memória urbana, que segundo Le Goff (2003) constitui-se de registros arquivados pelas instituições municipais, monumentos, representações simbólicas, entre outros.

Nesta perspectiva, a definição de memória³ considerada como atributo de conservar certas informações já vivenciadas, através das quais o homem tem a capacidade de atualizar conhecimentos, impressões ou informações, que ele concebe como transcorridas. Deste modo, o princípio fundamental da memória é analisado como conservação do passado, e sobrevive ao presente através da lembrança, que se exprime pelas necessidades e questionamentos da situação presente que leva ao indivíduo lembrar-se de “algo”.

No entanto, o ato de lembrar não condiciona ao indivíduo conseguir expor inteiramente certas experiências de vida. No sentido de que a memória tem seu caráter livre, natural e dinâmico, por que lembrar está mais para a função de reconstruir, renovar, repensar o acontecimento vivido a partir de representações, imagens e opiniões atuais. Como confirma

Ecléa Bosi (1994) a lembrança é uma imagem arquitetada pelos recursos que estão hoje à nossa disposição, na multidão de representações que povoam nossa consciência atual, margeada pelo nosso ponto de vista e juízos de valor. Desse modo, o que impera em última instância a atividade acessível da memória é que, o ato de lembrar o passado é visto como uma ação social desempenhada pela pessoa que lembra.

Nesta visão, Le Goff (2003) afirma que Aristóteles caracterizava a memória como mero atributo de conservar o passado (*mnemê*), e a lembrança (reminiscência) como qualidade de invocar esse passado, o que a torna laica e compreendida no tempo.

Do ponto de vista historiográfico, a memória tinha um papel fundamental no mundo social, cultural e escolástico. De tal forma que na Idade Média, os anciãos eram respeitados, especialmente porque os homens medievais entendiam que eles eram valiosos e úteis pela capacidade de seu conhecimento, sendo considerados “homens-memória” (LE GOFF, 2003, p. 444). Isto significa que os idosos por terem uma longa vivência, serviam para testemunhar “algo”, como problemas da cobrança de impostos, demarcações de terras, etc.

Já em nossa sociedade, a historiografia mostra que as lembranças das pessoas idosas são consideradas como certos conhecimentos pelo fato de que os idosos tendo vivido muito tempo têm uma farta experiência de vida. É como se existisse para o idoso “a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 63). Mesmo que nem toda sociedade espera ou exige dos idosos o empenho nesta atividade de lembrar “algo”.

No geral, os idosos afastados de suas atividades diárias se ocupam mais em se aproximar da atividade da memória afim da reconstrução do seu passado. Uma vez que a mesma autora argumenta segundo a percepção de Bartlett, que a memória das pessoas depende do processo de interação com outras pessoas, em que “fica” guardado o que significa. E a exposição desta memória depende também do conteúdo (o que se lembra) e do modo como se lembra. Isto é, para a pessoa lembrar “algo” já ocorrido depende de um conjunto de fatores que facilite, instigue essa memória a ser refeita.

Partindo destas ideias sobre memória, a cidade de Uiraúna caracteriza-se pela construção de uma memória relacionada à mesma, baseada em alguns elementos apresentados como símbolos ou imagens: bandeira, estátua, templo, slogan, entre outros, são parte constitutiva da memória desta cidade.

³ Memória no minidicionário Aurélio é a “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos; lembranças, reminiscência” (AURÉLIO, 2000, p. 556). A memória também constitui o escrito em que alguém conta a experiência de vida ou narra fatos presenciados, assistidos ou de que teve sua participação.

Isto nos remete a lembrança de atributos conservadores de conhecimentos de uma dada realidade, vista como práticas de seus habitantes – na qualidade de indivíduos que estão sempre a pensar, produzir algo, atribuir sentidos que marcam a sua cidade, como forma de representá-la. Além disso, se apropria da memória social, e neste desafio destaca-se: a memória do Sr. Dedé de Capitão⁴ e da senhora Maria Joaquina Vieira⁵, que não podem ser completamente isoladas ou fechadas. Pois o homem por ser social está relacionado a outros, e, para ele evocar seu próprio passado tem a constante necessidade de solicitar às lembranças dos outros (sua família, companheiros de trabalho, profissão, etc.) como pontos de referência existentes fora dele e que são ligados pela sociedade uiraunense.

Neste caso, a memória do referido Dedé de Capitão está associada à memória de um grupo ou de grupos: grupo que faz parte da Banda de Música Jesus Maria e José; a sua família; o pároco da cidade que na época era Pe. Antônio Anacleto de Andrade⁶. Este cidadão, Dedé de Capitão é um idoso que não se omite a exercer a atividade de lembrar, rememorar, suas experiências de vida. O que ocorre também com Maria Joaquina Vieira, sua memória está associada a memória de um grupo: sua família, colegas de trabalho, o mesmo pároco Antônio Anacleto de Andrade, a outros padres como primos e tios da mesma, etc.

Neste aspecto, Ecléa Bosi (1994) ao enfatizar a importância da função social prestada pelo idoso esclarece que o mesmo já “(...) atravessou um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; já viveu quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível” (BOSI, 1994, p. 60).

A memória dos cidadãos: Dedé de Capitão e Maria Joaquina Vieira tornam-se valiosa e útil nesta pesquisa pela capacidade do vosso conhecimento e experiência de vida nesta sociedade. A memória social é um elemento fundamental de construção da identidade

⁴ Ancião de 94 anos de idade, casado com a senhora Antônia Salete Fernandes desde o ano de 1951. Residem na Rua José Vieira Bugary ao lado da Igreja Jesus, Maria e José. A referida rua é conhecida como Rua da Matriz e também Rua Nova, localizada no centro da cidade.

⁵ Pedagoga, residente à Rua Major José Fernandes, 37 – Centro, próxima a Rua José Vieira Bugary. Filha do casal: Manoel Vieira da Silva (Neco Josa) e Joaquina Petrolina de Jesus. Nascida no Sítio Quixaba (Distrito) no ano de 1936, e, no ano de 1940 veio residir em Uiraúna com seus pais e irmãos. Casada com José Eudes Vieira (comerciante e agropecuarista) desde 1971. É mãe de dois filhos: Glebson (doutor em Antropologia é professor da UFRN/Mossoró) e Gleriston (Enfermeiro com Especialização PSF e Auditoria de Serviço da Saúde, é professor da UFRN/ Pau dos Ferros).

⁶ Nasceu no sítio Fazenda Nova município de Uiraúna, no ano de 1888. Filho de José Anacleto de Andrade e Maria Anacleto de Andrade estudou no Seminário da Paraíba em João Pessoa e ordenou-se em 1928. Celebrou sua primeira missa na igreja Jesus Maria José desta cidade, foi vigário em diversas paróquias da Diocese de Cajazeiras como Brejo do Cruz, Santa Luzia, Uiraúna, entre outras, faleceu no dia 11 de dezembro de 1970 em Uiraúna.

individual ou coletiva, cuja investigação é uma das funções centrais dos indivíduos e das sociedades atuais.

A valorização do papel exercido pela memória estabeleceu essencialmente na segunda metade do século XX o suporte para o surgimento da “história oral”, considerada por alguns historiadores como metodologia do trabalho, e, para outros, um campo de construção da historiografia.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007) afirmam que a história oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos.

A entrevista, como ferramenta da história oral, é uma forma de captação do vivido humano, cuja forma necessita de diversos procedimentos para atingir o objetivo proposto, tais como a disposição de aparelho eletrônico, da disponibilidade para que a conversa com o entrevistado (colaborador) seja dinamizada com fluidez, e que o entrevistador esteja atento às ações emotivas de seu colaborador, como gesto, lágrima, riso, silêncio, pausas, expressões faciais, que fazem parte da entrevista de história oral.

Diante da diversidade da história oral serão discutidos dois tipos de história: história oral de vida e história oral temática. A história oral de vida provém de narrativa e esta precisa da memória, dos ajustes, derivações, imprecisões, bem como das incoerências comuns da fala. A mesma, independentemente do gênero narrativo foi reconhecida academicamente no início do século:

gênero narrativo encetado pela autocontemplação, vale assinalar que apenas no alvorecer do século XX, por iniciativa do par W. O. Thomas e de F. Znaniecki, na Escola de Sociologia de Chicago, a prática acadêmica incorporou as histórias de vida como documento de respeitabilidade acadêmica (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 37).

Isto ocorreu devido às populações imigrantes polonesas a serem estudadas necessitarem de documentos.

Na história oral temática, o uso da entrevista é o foco central da mesma que dialoga com outros documentos. Este tipo de história oral é a alternativa mais próxima das perspectivas acadêmicas que confundem história oral com documento aprovado. Pelo contrário, o estilo documental resultante da entrevista é o centro desse ramo. Este é o caminho mais considerado por jornalistas e outros profissionais, que se utiliza de entrevista como forma de diálogo e de gerar discussões em torno de um tema específico. Mesmo tendo indicadores de subjetividade (fantasias, delírios, silêncios, omissões, entre outros). Este tipo

de história oral é mais sujeita a confrontos que se ordenam a partir de datas, fatos, nomes, situações.

De acordo com o tema exposto a princípio, a entrevista é organizada e deve durar o tempo do objetivo proposto. Neste modo, o entrevistador deve favorecer a apresentação de argumentos do colaborador que responde a incentivos dados. A discussão em torno disso mostra que é essencial saber as características do colaborador: “quem é, onde estava na circunstância do evento, o que ouviu, viu, contou”⁷. Isto é decisivo para saber como se porta em face de outra versão. Tendo o propósito de esclarecer uma versão que é contestada, o uso do questionário é de suma importância para a obtenção dos detalhes procurados.

Em síntese, a história oral de vida trabalha com a conhecida “entrevista livre”⁸, geralmente seguida de um roteiro e se coloca como uma possibilidade de ultrapassar a pura obtenção de informação em prol da probabilidade de uma visão mais subjetiva do entrevistado; já a história oral temática costuma-se fazer uso do questionário para a realização da entrevista. Ambas as histórias orais privilegiam o sujeito, o diálogo e as variações da fala.

1.2 Discurso & análise do discurso

Na tentativa de analisar os discursos de uiraunenses referentes a uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos” numa perspectiva foucaultiana se faz necessário atentarmos à condição das palavras, daquilo que é dito. Isto é, precisamos trabalhar com o próprio discurso para que ele apareça na sua complexidade. Logo, não vamos olhar para os discursos apenas como um aglomerado de signos⁹, mas como significado exprimindo a representação simbólica do conteúdo exposto.

Para Foucault (1999) não há nada encoberto por trás da cortina, nem sob a superfície que andamos. Existem enunciados e relações que o próprio discurso coloca em funcionamento. Por exemplo: para analisarmos os textos sobre a cidade de Uiraúna como uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos”, nesse aspecto, significa primeiramente tentar fugir da fácil interpretação “daquilo” que está por trás do documento, procurando investigar ao

⁷ MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 39.

⁸ Ibid, p. 35.

⁹ São elementos significantes que remetem a conteúdos e representações.

máximo a materialidade (não se refere à tinta, papel, caneta) como constitutiva do enunciado que é extraído das palavras, frases ou proposições.

Em relato intitulado “Fragmentos históricos”, a professora aposentada Maria Joaquina Vieira¹⁰, hoje vereadora e secretária da Câmara Municipal: Casa “Olinto Pinheiro¹¹” apresenta assim a cidade de Uiraúna:

Ver Uiraúna coroada de glórias por ser a Terra dos Sacerdotes, da Música, da Cultura e possuidora no seu cenário histórico das grandes ramificações de filhos ilustres espalhados pelo Brasil afora, desempenhando com brilhantismo, bravura, espírito ético, moral e intelectual. Trabalho diversificado, (...) O sacerdócio e a música são duas faces voltadas para o crescimento social e religioso desta terra gloriosa e para o seu resgate cultural. (...) unidos e fortes, trabalham juntos pelo soerguimento deste patrimônio glorioso que tem proteção e as bênçãos da Sagrada Família. (LEIA FELC, 2008, p. 36).

Para esta cidadã a cidade é vista como um patrimônio valioso, de pessoas que lhe representam bem e de uma sociedade trabalhando em prol do seu progresso. A cidade é considerada como *locus* do sacerdócio e da música direcionada para a cultura, que passa a reafirmar com mais ênfase a representatividade de Uiraúna apenas com os esplendores musical e sacerdotal em que idealizam a glória desta cidade.

A cidade de Uiraúna pensada a partir destas representações acima é apresentada como construção de uma realidade de outrora. Conforme Roger Chartier (1990) é impossível apresentar uma realidade concreta, mas podemos construí-la e representá-la. Uma vez que o mundo é um jogo de representações dessa realidade, os aspectos característicos do mundo social são apontados pelos interesses de grupos que tramam algo para de qualquer forma tirar proveito.

Por isto, os discursos relacionados à referida cidade são construções que estão entrelaçadas com a posição de quem os profere. Desta forma, a análise dos discursos apresenta-se como jogo das representações do real, uma vez que estes discursos dependem da posição ocupada de quem os utiliza, não havendo neutralidade nem hierarquização no discurso, mas produção de sentido e práticas diversas, que buscam impor, legitimar e justificar o que se quer para os próprios indivíduos.

¹⁰ A mesma informou que ingressou na vida pública no pleito de 1982 como candidata a Vereadora pelo PDS, obtendo expressiva votação em sequenciados mandatos até o ano de 1996. De 1997-2000 por mudança de partido e outras querelas, não submeteu a novo pleito, mas exerceu na Câmara Legislativa o cargo de Secretária Executiva. Nos anos seguintes se candidatou e novamente foi eleita a vereadora já por três mandatos sequenciados. Em 2005-2008 exerceu o cargo de Presidente da Mesa Diretora (Presidente do Poder Legislativo municipal). Atualmente, vivencia a 6ª legislatura com bastante vigor.

¹¹ Em homenagem ao primeiro Presidente da Câmara Municipal de Uiraúna, (criada em 02 de dezembro de 1953 e instalada em 1955) que recebeu o nome do vereador e empresário uiraunense Olinto Pinheiro da Silva.

Em outro relato intitulado “Uiraúna 56 anos de luta, mudanças e crescimento”, exposto nas primeiras páginas da sétima edição da “Revista Uiraúna”, Maria Joaquina Vieira apresenta a utilidade desta revista como espaço de representação e caracterização da cidade:

O lançamento da sétima edição da ‘Revista Uiraúna’, preeminente instrumento literário, se consagra a oferecer a nossa gente e aos intelectuais que fazem parte do nosso patrimônio – histórico cultural e social, momentos de reflexões, revificação e também lazer o que muito nos envaidece em tornar patente a História da Terra dos sacerdotes, da Música e da Cultura (REVISTA UIRAÚNA, 2009, p. 5).

Uma Uiraúna representada como “Terra dos sacerdotes e dos músicos” constitui-se como identidade do lugar, que se efetiva com maior evidência através da “Revista Uiraúna” propagadora de tal representação na sociedade uiraunense.

Desta forma, os enunciados não são apenas palavras, frases ou proposições, e sim, de ordem institucional discursiva, na forma em que eles são produzidos na maneira em que as palavras são também construções no sentido de que a linguagem não se separa das práticas.

O discurso entendido como prática social destaca a ideia que o mesmo sempre se produz em prol de relações de poder: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo o que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” [*sic*] (FOUCAULT, 1999, p. 10). É comum a natureza de o discurso ser ligada ao desejo e ao poder, pois, através do discurso se manifesta a vontade por algo, que é também o objeto do desejo.

Em “A Arqueologia do Saber”, Foucault (1986) diz que o discurso é como “domínio geral de todos os enunciados”, “grupo individualizável de enunciados”¹². Isto nos passa a ideia de que o enunciado tem sua existência e desempenha-se sobre unidades como frase, proposição ou ato da linguagem. O enunciado em si não constitui uma unidade, uma ação que atravessa “um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que fazem com que unidades apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”¹³.

Então, o discurso vai além da simples utilização de letras, palavras e frases; da mera expressão de “algo”. Ele apresenta regularidades próprias a si mesmo. E que os discursos visam construir verdades. Por sua vez, o enunciado se apoia em um conjunto de signos, mas o que interessa é esclarecer que essa função identifica-se por quatro elementos básicos: um referente (um início de diferenciação); um sujeito, no sentido de posição a ser ocupada; um campo associado que consiste com outros enunciados e uma materialidade

¹² Foucault, 1986, p. 90.

peculiar, por tratar de coisas realmente ditas, escritas, gravadas, possíveis de reprodução, acionadas através de técnicas, práticas e relações sociais.

Apresentar um enunciado é dar conta destas particularidades, apreendê-lo como acontecimento num certo tempo e lugar. Mas, o que permite situar um embaraçado de enunciados numa certa organização é justamente a razão de eles pertencerem a certa formação discursiva. Vista como início de dispersão e de distribuição dos enunciados, através do qual se sabe o que pode e o que deve ser dito.

Assim, nossos atos enunciativos se registram dentro de algumas formações discursivas e conforme um adequado regime de verdade. O que é dito, é fortemente ligado às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Mas, mesmo que os enunciados não são atos de fala, de frases, etc., não são ocultos totalmente, nem imediatamente visíveis.

Já a heterogeneidade discursiva e o interdiscurso que é todo conjunto de formulações realizadas e já esquecidas que definem o que dizemos. Estas são algumas expressões que se referem principalmente, a dispersão dos enunciados, dos discursos; reportam-se a ideia de que eles são acontecimentos.

O que exprime que os discursos para quem os analisa é o lugar da multiplicação dos discursos e da multiplicação dos sujeitos, uma vez que essa realidade da “coisa dita” se torna continuamente outra, por causa de alguma vez ter sido falada por outras pessoas em ocasião diferente. Desta forma, o dizer não é alguma coisa particular do indivíduo, já que as “palavras não são nossas” (ORLANDI, 2005, p. 32), que os dizeres conectados com palavras, têm historicidades e sentidos constituídos.

Nos anos 70 na cidade de Uiraúna, havia muito roubo, mendigo pedindo esmola, almoço. Quando era na hora do almoço ou do jantar pediam: mim dê um almocinho, um jantarzinho. É Uiraúna era uma cidadezinha, não tinha esse comércio de agora, que é muito cheio, né? De tudo o que você quiser você encontra no comércio. Ora meu irmão veio de Campina Grande, saímos daqui, aí nós saímos andando, quando minha cunhada chegou à Dadá Bijuteria, ficou admirada, doida, com tanta coisa barata. Ela é muito vaidosa e comprou um monte de coisa lá por R\$ 50,00 reais. De 70 pra cá a evolução foi muito grande, de tudo... a população, escolas... Aqui era bode, jumento, cavalo solto. Eu mim casei em 71 e essa rua não tinha nada, não era calçada, poucas casas (informação verbal) ¹⁴.

O enunciado visto como uma função que cruza a linguagem, ou seja, uma função que a partir deste par de multiplicações dos discursos e dos sujeitos evidencia que o sujeito dos

¹³ Ibid, p. 99

¹⁴ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

discursos não é um sujeito em si, pensado, idealizado. Uma vez que o sujeito do discurso é um sujeito da linguagem, tendo um jeito contraditório: ele é ao mesmo tempo falante e falado, ou seja, falo e sou falado, idealizo e sou idealizado, pois, por meio dele outros ditos se pronunciam e se articulam.

Foucault (1999), se referindo à compreensão do sujeito, mostra que ocorre a dispersão do mesmo, associado à variedade discursiva. Apenas reafirmando que nos discursos o sujeito sempre fala a partir de um lugar social. O qual não continua semelhante: sou falante e ao mesmo instante sou falado; pronuncio só, de maneira concreta, formando-me temporariamente um, não desejando separar-me, mas, em cada fala minha, coloco-me diferentemente.

Pois, nesta forma estou falando em certo momento de um lugar, em outro momento de outro lugar. Nesses lugares existem interditos, lutas, formas de existir, dentro dos quais me coloco, permitindo-me ser falado e também afirmo de alguma forma minha retidão.

Os sujeitos associados à cidade de Uiraúna, que falam ou são falados, dispersam de várias maneiras: em particular, sua multiplicação se faz através das várias modalidades enunciativas do discurso das revistas, das atas legislativas, das entrevistas, etc. Fala-se da cidade de diversas maneiras.

As diversas maneiras da linguagem estão associadas ao interdiscurso – que é disponibilizador de dizeres que comprometem o modo como o sujeito exprime em uma dada ocasião discursiva.

O interdiscurso constitui o espaço de extensões e múltiplas oposições em que a formação discursiva cria-se mais de rigidez (no sentido de aspereza) e desacordo do que de união. Completamente ativo, o campo enunciativo recebe novidades e imitações, bem como grupos diferentes, mudanças e permanências.

Nisto, Foucault assegura a atuação do interdiscurso, do complemento, e da luta dos diferentes campos do poder/saber. Os enunciados comuns, corriqueiros são privilegiados pelo autor. No entanto, “não há enunciados que não suponham outros; não há nenhum que não tenha de si, um campo de coexistências” (FOUCAULT, 1999, p. 114).

Procurar as formas interdiscursivas não leva a tentativa de tudo explicar, da possibilidade de explicar todo o pensamento de uma época. Remete a um abundante e difícil trabalho de multiplicação dos discursos. Ou seja, levar em conta a interdiscursividade expressa permitir surgir às contradições, as diferenças, a subjetividade, principalmente os esquecimentos, a heterogeneidade que marca todo discurso.

Então, partindo da concepção foucaultiana, de que não podemos falar de qualquer coisa em qualquer época e lugar, um determinado objeto - como um conjunto de enunciados sobre “Uiraúna do Sacerdócio e da Música” – existe sob condições práticas, que há possibilidades de acontecimento histórico de um determinado discurso, relativas a constituições não-discursivas (instituições). Sendo apreendido e descrito a partir dos textos, prezando pela raridade dos enunciados e dos próprios fatos humanos.

1.3 Ideia de cidade

Uma cidade é mais do que simplesmente um cenário dentro do qual habitamos e agimos. Também não é um mero reflexo das forças econômicas, sociais, políticas, ideológico-culturais, etc., uma reação às ações humanas. Em ambos os casos, a metáfora pressupõe haver um distanciamento entre as cidades e as pessoas como cenário: quer como espelho, a cidade e seus habitantes são vistos como se fossem entes distantes (JUNIOR GOODWIN, 2007, p. 26-27).

A ideia de cidade é tão complexa que dificulta apreendê-la diante de tantos pontos de vista, modos de vê-la, entre outros. Neste caso podemos dizer que a cidade é uma representação de seus habitantes, da coletividade que a produz. Ela é resultado da ação desta sociedade e ao mesmo tempo produtora da mesma.

A cidade de Uiraúna representada como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”, expõe uma imagem construída a partir de uma realidade já vivenciada pelo coletivo que lhe atribui sentidos diversos. A cidade, para Sandra Pesavento (1999), é por excelência o lugar do homem, e se apresenta variedade de olhares cruzados, que buscam na realidade os significados diversos.

Mas esta cidade não é apenas um acontecimento, um dado colocado pela concretude da vida, mas está posta como objeto de análise e tema de reflexão, construída por desafios através dos quais passa ser indagada. Como ela é obra dos homens, traz sinais de suas ações.

Assim, Ítalo Calvino (1990) conceitua as cidades comparando-as a algo idealizado, sonhado entre o desejo e o medo:

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que tudo às coisas escondam uma outra coisa (CALVINO, 1990, p. 44).

As cidades são marcadas por sutilezas, raramente perceptíveis através dos discursos de seus cidadãos de outrora, que se esforçam para dar-lhe um sentido de representatividade, baseado no valor de suas ações em prol da cidade, lhe atribuindo significados simbólicos.

Ver a cidade como representação de uma realidade concreta, nos reporta a afirmação do teórico Roger Chartier (1990) ao dizer que é impossível termos uma realidade concreta, mas podemos construí-la e representá-la, pois o mundo é um jogo de representações.

Teorizando a respeito dos conceitos arrolados sobre cidade, Sandra Pesavento afirma que: “(...) a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem ou que se contradizem, sem por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes do que os outros” (PESAVENTO, 1999, p. 9).

Esta percepção permite-nos analisar que os discursos concernentes à cidade de Uiraúna não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos. Já que a cidade é o elemento visto por diversos olhares, daqueles que de qualquer forma estão ligados a ela ou vivem nela. Pois a cidade é produto da invenção humana, impregnada de significações acumuladas através do tempo, em que o sentido sobre a mesma diferencia para cada realidade.

CAPÍTULO: II

UMA UIRAÚNA DO SACERDÓCIO E DA MÚSICA: VOCAÇÃO OU LEGITIMAÇÃO DE SABER/PODER?

E o jovem músico também tinha prestígio... É vocação também, mesmo que o emprego era difícil, mas, ser músico e ser padre era vocação (informação verbal)¹⁵.

Dona Maria Joaquina expõe acima que o jovem uiraunense que constituía-se como músico ou como padre procedia da “vocação”. Mas o prestígio e a falta de emprego eram os principais fatores para o jovem (que tinha oportunidade) optar pelo saber sacerdotal ou musical. Desta forma, os uiraunenses costumam atribuir à formação de vários padres e o surgimento de vários músicos como vocação.

Patrícia Kebach (2007) diz que alguns pesquisadores, como Gardner (1997) pensam que o talento está vinculado à questão hereditária. Embora este autor mencione que seus fundamentos teóricos têm ligações com a epistemologia genética de Piaget e com a psicanálise freudiana, o que não tem a ver com posições teóricas inatas. Ou seja, essa percepção apresenta a idéia de que os bons músicos já têm consigo um saber inato sobre a música. Eles necessitam somente trazer o saber musical à consciência e organizá-la.

Esse tipo de pensamento tem a ver com a epistemologia apriorista, que vem de a *priori*, isto é, o que é posto antes como condição do que vem depois. Especialmente na área da música, a questão do dom musical é utilizada à revelia de um estudo com profundidade ligado à função da hereditariedade na construção do conhecimento musical (KEBACH, 2007, p. 39).

Mas, a hereditariedade tem verdadeiramente uma função determinante no processo de desenvolvimento musical e também sacerdotal? Finalmente, como ocorre o processo de desenvolvimento musical? E o meio? Teria alguma função influenciadora nessa construção ou ela estaria tão vinculada a um quadro hereditário que o meio apenas desempenha um papel auxiliar nesse processo?

De acordo com Kebach (2007), ao diferenciar herança genética de herança cultural, diz que o conceito de hereditariedade está unido ao significado de herança genética que são

¹⁵ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

as estruturas que estão no corpo do sujeito ao nascer, sua ‘bagagem hereditária’, e não ao conceito muito comum em Bourdieu (1996) referente à herança, no sentido de reprodução do *habitus*¹⁶. Esse conceito de Bourdieu permite na experiência cotidiana, entender ou perceber os comportamentos, as ações, as influências, relações de concorrência e conflitos que formam o curso histórico musical dos sujeitos. Isto é, mediante a percepção teórica desse autor, quanto mais acesso a capitais culturais de elite, maior será a possibilidade do sujeito que se estrutura musicalmente ser reconhecido como bom músico. O que está associado “a uma questão de herança de condensação de capitais culturais, socioeconômicos e políticos (o que chama de poder simbólico)” (KEBACH, 2007, p. 40).

É evidente que nos meios sociais mais elevados, o acesso à cultura de elite é maior, e que as oportunidades nos níveis sociais menos elevados são limitadas. Tendo em vista a pessoa que nasce numa família com certo poder aquisitivo tem mais oportunidade de fazer curso de música, estudar música e praticá-la. Pois, seu meio lhe oportuniza ofertas culturais de elite e proporciona o seu desenvolvimento. E deste modo a pessoa terá mais tempo para pensar e interagir musicalmente.

Por sua vez, a pessoa que vive em situações precárias geralmente não tem o mesmo acesso da cultura elitizada, mas interagem entre culturas diversificadas. O seu meio na maioria das vezes não favorece ao indivíduo o desempenho musical. Então, mesmo que os indivíduos tenham a mesmas habilidades no desempenho musical, o meio em que os mesmos estão é que serão distintos.

Para Bourdieu as trajetórias dos indivíduos são constituídas pela relação de forças do campo e sua inércia própria. Ou seja,

essa inércia está inscrita, de um lado, nas disposições que eles devem às suas origens e às suas trajetórias, e que implicam uma tendência a perseverar na maneira de ser, portanto, em uma trajetória provável, e, de outro lado, no capital que herdaram, e que contribui para definir as possibilidades que lhe são destinadas pelo campo. (BOURDIEU, 1996, p. 24 citado por KEBACH, 2007, p. 41).

A partir do seu conceito de herança, ele concede informações concernentes ao preconceito existente no que concerne em relação à questão do dom. Na ausência de uma visão mais aprofundada sobre os mecanismos de adaptação e da função da sociedade na construção musical, as pessoas costumam falar frases comuns como: “filho de peixe,

¹⁶ Segundo Bourdieu (1996), reprodução do *habitus*, tem o sentido de continuidades estratégicas ordenadas e conduzidas de práticas inconscientes ou conscientes que todo grupo produz para reproduzir-se enquanto grupo, legitimando regalias ou comportamentos culturais distintas, neutralizando-as. Essas estratégias são despercebidas como tais pelos agentes.

peixinho é”, “a água só corre para o mar”, “a fruta não cai longe do pé”, entre outras, na tentativa de “provar” que as pessoas que nascem em famílias de músicos, herdaram geneticamente esse talento, ou que elas obtêm divinamente. Mas não entendem que as estruturas musicais “são constituídas a partir das vivências musicais dos sujeitos, ou a partir do interesse do sujeito de buscar, de alguma forma, constituir-se musicalmente”¹⁷.

Desse modo, a mesma autora afirma que os mecanismos que movimentam as ações é o interesse e, isto, não está diretamente determinado pelo meio, embora este efetue um papel essencial no desenvolvimento. Contudo, não adianta o indivíduo nascer numa família de músicos, independente de sua condição social, se não empenhar-se por música.

Mesmo assim, as pessoas que nascem num ambiente com inúmeros incentivos musicais, sejam elas de qualquer natureza cultural, têm maiores oportunidades de despertarem interesse pela oferta permanente da música e pela tendência à reprodução do *habitus*. Neste caso, o apoio dos pais e as diversas situações como o envolvimento com outras pessoas além das do seio familiar nas aprendizagens musicais se constitui um fator eficaz.

A mesma autora argumenta que existem vários fatores em jogo no processo de aprendizagem musical que não tem nada a ver com dom ou talento inatos. Sempre que o músico executa uma música ou cria uma peça musical com naturalidade atribui-se a possibilidade a algo inato ou que chega um estado tal de equilíbrio em seus movimentos de execução, por exemplo. Pode-se dizer que esta estrutura foi apreendida por um extenso processo de aprendizado através da atuação desse sujeito sobre seu instrumento musical, seu corpo, a partitura, etc.

Em relação ao meio, Kebach (2007) procura demonstrar que ele é essencial para o desenvolvimento musical do sujeito. E que o conhecimento musical resulta da interação consecutiva entre o sujeito e uma dada realidade em volta do mesmo. Pois, quanto mais essa realidade proporcione formas que estimulem o interesse do sujeito pela música, maior será seu grau de envolvimento em relação à música como algo a ser assimilado. Interagindo socialmente, possibilita-o realizar trocas de experiências do saber musical, pontos de vista e influenciar ou ser influenciado coletivamente.

Por fim, a autora termina dizendo que não existe formação musical herdada, mas existem sim estruturas construídas progressivamente na relação precisa entre o sujeito e o objeto musical. Em meio aos desafios, as ofertas proporcionadas, o contato com capitais

¹⁷ Kebach, 2007, p. 41.

culturais musicais diversificados “maiores serão as construções dos sujeitos em relação à música”¹⁸. O que não implica dizer que a tendência musical seja dom ou vocação.

A discussão em torno de Uiraúna representada como cidade do Sacerdócio e da Música apresenta-se como uma dupla dimensão homogeneizada destes segmentos que ora identifica a cidade por meio de indivíduos ligados a prática musical e sacerdotal originando-se em um saber/poder. No sentido de que o saber musical e o saber sacerdotal implica num certo poder de legitimidade que causa admiração, satisfação, status, reconhecimento, entre outros.

Desta forma, a partir da prática sacerdotal e musical de uiraunenses cria-se a imagem desta cidade banhada de significados representativos e caracterizadores de seus habitantes que cantam, rezam, trabalham e lutam em busca de seus ideais.

De acordo com a documentação, teceremos como se construiu a imagem desta Uiraúna do Sacerdócio e da Música.

2.1 Uiraúna: “Terra dos Sacerdotes”



Imagem 01: Mapa – localização geográfica da cidade de Uiraúna/ PB, a 476km de João Pessoa/capital.

Fonte: www.cofemac.com.br

¹⁸ Ibid, p. 47.

Em referência à cidade em estudo, ainda quanto a sua localização e alguns aspectos geográficos, o sociólogo Geraldo de Margela Fernandes¹⁹ escrevendo para a “Revista Uiraúna” em 2004, afirma que:

Uiraúna é uma cidade encravada no sertão da Paraíba, no semi-árido nordestino, uma região (...), habitada por um povo que crê, enfrenta e avança. Sujeita às secas periódicas, detentora de um solo de tabuleiros e baixios, onde predomina a caatinga. Vegetação composta de marmeleiro, xiquexique, velame, e jurema-principalmente. (FERNANDES, 2004, p. 3).

O nome Uiraúna²⁰ é de origem tupi, em que *una* significa preto e *guira* significa pássaro, formando a expressão- *Guira Una*, deste nome atribuído ao “pássaro preto” (REVISTA UIRAÚNA, 2003, p.33) que era bastante presente nesta região, formou-se a palavra Uiraúna. A cidade ganha este nome a partir de dezembro de 1943 através do Decreto Lei 502, saindo da categoria de Distrito Canaã pertencente a São João do Rio do Peixe para categoria de cidade, denominada de Uiraúna, emancipada politicamente no ano de 1953.

Conforme o exposto acima, o nome Uiraúna não faz associação à representação que fazem de Uiraúna como terra dos Sacerdotes. Mas, assim como as cidades são vistas por seus habitantes de forma diferente, que lhes atribuem características tidas como peculiares de modo que venham representá-la, numa dada realidade vivenciada por seus indivíduos que impõem sentidos e significância para os mesmos. A cidade de Uiraúna fruto da ação de seus moradores é pensada, constituída, legitimada e representada discursivamente como uma “Uiraúna dos Sacerdotes”.

O município de Uiraúna é, sobretudo, conhecido como “Berço Sacerdotal” pela expressiva quantidade de padres nascidos nesta terra. Muitos já são falecidos e os demais continuam atuantes no exercício do ministério plesbital [sic] da Igreja, na busca incessante da valorização da pessoa humana, espalhados em todo o Brasil.²¹

Esta atribuição imposta ao Município de Uiraúna, expressa variavelmente ora como “Terra dos Sacerdotes”, “Berço Sacerdotal” ou “Terra dos Padres”, expressões justificada pela enorme quantidade de padres nascidos nesta terra ultrapassarem mais de quarenta padres.

¹⁹ Cidadão uiraunense é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

²⁰ O significado do nome Uiraúna e a formação desta palavra encontram-se mencionados por diversas pessoas que escrevem na Revista Uiraúna. Ver no INFORMATIVO, dez, 1993, p.02; Documento arquivado na Secretaria de Educação do Município de Uiraúna, jul, 2003; REVISTA UIRAÚNA, dez, 2003, p. 02 e 33; REVISTA UIRAÚNA, dez, 2005, p. 03; REVISTA UIRAÚNA, 2007, dez, p. 11.

Até o ano de 2003 conta-se quarenta e dois padres entre os nascidos e outros apenas pertencentes à família uiraunense. Dos quais estão incluídos aqueles que são de outras cidades, mas tem parentesco familiar neste Município e estão espalhados no Brasil. Dentre eles, muitos já estão *in memoriam* e que ocuparam cargos diversos na hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana em várias cidades vizinhas a esta cidade e Estados deste país.

Além disto, Uiraúna tem como Paróquia a Sagrada Família e a Igreja Matriz Jesus Maria José no centro da cidade, bem como, a presença de quatro capelas até os anos 70. Estas capelas são vistas como indicadoras das práticas e vivências do catolicismo presentes nos principais bairros desta cidade. A mesma tinha nesta época em torno de 5.000 habitantes e já contava com quatro capelas, a saber: capela de São Sebastião, capela São José, capela Nossa Senhora de Lourdes e capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A capela São Sebastião, localizada no bairro Cristo Rei (zona oeste da cidade) foi inaugurada no ano de 1939, pelo padre Antônio Anacleto de Andrade, tendo a presença do Bispo João da Mata da Diocese de Cajazeiras. A capela São José, erguida no bairro São José (zona norte da cidade) foi inaugurada no dia 19 de março do ano de 1952, pelo o mesmo padre Antônio Anacleto Andrade.

A capela Nossa Senhora de Lourdes (localizada na zona leste da cidade) nas imediações do antigo cemitério próximo a Igreja Jesus Maria José. A referida capela foi construída em 1958 por intermédio do Pe. Antônio Anacleto de Andrade, em referência as crenças sobre as “aparições da Nossa Senhora de Lourdes à santa Bernadete” (LEIA FELC, 2011, p. 05). Esteve presente na inauguração o cônego uiraunense Luís Gualberto de Andrade.

Na zona norte da cidade a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro situada no bairro Garrafão resulta da gratidão do casal Maria do Socorro Alencar Gomes e Cassimiro Gomes, os quais receberam o apoio do Padre Antônio Anacleto. Esta capela foi inaugurada pelo Pe. Paulo Zini em nove de dezembro de 1970. Sem considerar as diversas capelas erguidas na zona rural desta cidade.

A partir dos anos de 1975 esta cidade começa ser vista como “Terra dos Sacerdotes” e como “Terra dos Músicos”. O que se constata nos livros de Atas das sessões realizadas pelo Poder Legislativo, Casa “Olinto Pinheiro” desta cidade é a ausência imagem acima nos anos anteriores, a penas enfatiza o nome “terra”.

²¹ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna, 14 de jul. de 2003, p. 10.

Na ocasião da vigésima nona sessão ordinária em 1969, o assunto do dia versava sobre requerimentos para concessão e aprovação de títulos de Cidadão Uiraunense a dois industriais: José de Paiva Gadelha e Clotário de Paiva Gadelha da vizinha cidade de Sousa. Ambos eram proprietários da Indústria Algodoeira Gadelha S/A, instalada nesta cidade de Uiraúna. A referida indústria está mencionada como “uma das propulsoras do progresso desta terra” (jun, 1969, fl. 18). Também é comum nestas Atas vereadores mencionarem indivíduos uiraunenses apenas como “filhos desta terra”, (jun, 1969, fl. 18). Esta “terra” (¹ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna, 14 de jul. de 2003, p. 10. era o nome continuamente aludido à Uiraúna.

Também em Atas do ano 1973 constata-se a presença de requerimentos para aprovação de concessão de títulos a pessoas de outra cidade como “Cidadão Uiraunense” (fev, 1973, fl. 75) pelos serviços prestados e considerados relevantes “a esta terra” (fev, 1973, fl. 75).

Uiraúna como “Terra dos Sacerdotes” surgiu nos idos dos anos 70 em diante. Nos registros de Atas das sessões do Poder Legislativo desta cidade, ela é mencionada também como “terra do Pe. José de França” (out, 1979, fl.188-189). Mas é ainda neste período que a cidade de Uiraúna foi simbolicamente pensada, representada e instituída como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”.

O *slogan* da Bandeira desta cidade mostra evidências e indícios de outros fragmentos que afirmam e reafirmam a legitimação de uma Uiraúna do Sacerdócio ou como berço de onde surgiram muitos padres:



Imagem 02- Bandeira do Município de Uiraúna/PB, criada em 1977 e modificada em 1995
 Fonte: <http://wikipedia.org/wiki/Uiraúna>



Imagem 03 – Brasão da cidade de Uiraúna/ PB, 1977
Fonte: <http://wikipedia.org/wiki/Uiraúna>

A confecção desta bandeira acima e deste brasão se deu nos anos 70, na ocasião da vigésima quarta sessão ordinária, da Câmara Legislativa: “Casa Olinto Pinheiro” é apresentado o Ante-Projeto referente à criação desta Bandeira:

Aos 30 (trinta) dias do mês de outubro de 1977 (...), no salão da “Casa Olinto Pinheiro”, sob a presidência do Sr. Francisco Felix de Lima (...). Expediente: Constatou com uma mensagem do Sr. Prefeito Municipal, apresentando o Ante-Projeto Lei nº 109/77 em que pede a criação da Bandeira deste Município e abre Crédito Especial de Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros) para ocorrer as despesas decorrentes de sua instalação (ATA nº 24, 1977, fl.104-105).

Nesta Ata, também consta que o referido Ante-Projeto Lei nº 109/77 foi apreciado e obteve unanimidade de voto do Poder Legislativo. Porém, não constando no registro desta Ata, nenhum comentário ou discurso de alguém, concernente a criação da Bandeira, bem como, o que a mesma representa. E o Poder Executivo sanciona a referida Lei nº 109/77, na pessoa do Sr. Prefeito Municipal Antônio Maurílio de Aquino:

Faço saber que a Câmara Municipal desta cidade autorizou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º- Fica criada a Bandeira do Município de Uiraúna e seu Brasão, obedecidas às cores e modelos apresentada pela Secretaria desta Prefeitura com a aprovação do Chefe do Executivo Municipal.

Art. 2º- Abre na tesouraria desta Prefeitura o Crédito Especial de Cr\$ 8.000,00 (Oito Mil Cruzeiros), para fazer face às despesas, de que trata o artigo anterior. (...)

Gabinete do Prefeito Municipal de Uiraúna, em 31 de Outubro de 1977.

Antônio Maurílio de Aquino – Prefeito Municipal.²²

²² Consta em documento Arquivado na Câmara Legislativa de Uiraúna/PB, 2003.

Em documento arquivado na Secretaria de Educação deste Município de Uiraúna informa que a ideia de criação da Bandeira surgiu da professora e secretária de educação do Município, Maria Joaquina Vieira com o aval do referido Prefeito Antônio Maurílio de Aquino. Para tal fim, foi realizado um concurso nas escolas do Município para a escolha do melhor desenho que o representasse e identificasse-o de acordo com suas peculiaridades, segundo a perspectiva de quem escolheu. Em entrevista com a mesma, ela afirma:

Quando a bandeira de Uiraúna foi criada, eu estava na Prefeitura [riso], eu estava na Prefeitura. Na Prefeitura tinha vários desenhos, várias bandeiras, né? Estava cheia de bandeira lá... Eu era secretária de Educação. Então, eu era secretária de educação e criei o projeto e mandei pra Câmara, pra criação da bandeira, do escudo e do hino. Aí então, lá foi Antônio Aquino era, era Antônio Aquino era Prefeito nesta época aí, ele aprovou o projeto. Aí, tirava em 1º lugar o melhor desenho... Tinha um grupo de pessoas pra escolher, mas, eu não lembro quem era pra escolha não. Eu era secretária... O projeto era meu, eu criei o projeto e ajudei uma menina que morava aqui... a desenhar uma bandeira, o final foi ela. Mas ela ganhou, ganhou ela e ganhou outra (informação verbal).²³

A Bandeira dos anos 70 foi criada com estas representações que se pode ver na imagem acima e teve a ajuda da autora do projeto. Além disto, tinha na mesma o mapa da cidade e estrelas que identificavam a quantidade de sacerdote (não há imagem com essas características).

Mas a mudança na Bandeira é explicada por analisar que não mais existia o avultado número de padres. A Assessora de Comunicação, Maria do Socorro Pinto²⁴ percebeu a necessidade efetuar algumas mudanças na mesma, seguida de esclarecimentos:

O mapa de Uiraúna, uma vez já contendo o nome de Uiraúna e ainda a Carta Geográfica, que já não seria a mesma, em virtude da criação de novos Municípios: Santarém e Poço Dantas.

As estrelas que representavam os sacerdotes uma vez que existia a inscrição **“BERÇO SACERDOTAL”** e que já não mais seria o mesmo número de sacerdotes, representados pelas respectivas estrelas. Fazendo permanecer na pauta, porém corrigida com 05 linhas paralelas.

Acrescentando-se a faixa com a inscrição da data da independência de Uiraúna, sugestão do vereador Francisco Vieira da Silva.²⁵

²³ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

²⁴ É casada com um dos irmãos de Maria Joaquina Vieira.

²⁵ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna/PB. Elaborado por Maria Emília Fernandes (Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto) e Maria Enéas de Oliveira, supervisora deste Município, 14 de jul. de 2003, p. 10.

A partir da análise, o Prefeito João Bosco Nonato Fernandes, encaminhou Ofício à Câmara de Vereadores seguido do “projeto Lei de Nº 15/95 que renova a bandeira do Município em 24 de novembro 1995”²⁶. Concede a mesma, a permanência das cores: azul e branco cujo projeto foi aprovado por unanimidade. O vereador Francisco Vieira da Silva que sugeriu colocar na bandeira a faixa com a inscrição da data da independência desta cidade é irmão de Maria Joaquina Vieira.

Desta forma o Poder Legislativo e o Poder Executivo pensam essencialmente a cidade de Uiraúna, caracterizando-a no âmbito do sacerdócio e da música. A professora aposentada Maria Joaquina reitera:

Daí, antes de se confeccionar a bandeira, diziam assim, achavam que Uiraúna era Terra dos Sacerdotes e dos Músicos, mas após a confecção passaram afirmar que realmente esta cidade é a Terra dos Sacerdotes e dos Músicos (informação pessoal).²⁷

A difusão desta representação que se faz de Uiraúna vincula-se principalmente através de relatos de uiraunenses efetivados a princípio em um informativo do ano de 1993, referente à Uiraúna pela ocasião de seus 40 anos de independência política. Neste informativo é descrito os feitos do primeiro ano de administração do décimo prefeito da cidade Dr. João Bosco Nonato Fernandes²⁸.

E na última página encontram-se as homenagens feitas à cidade por algumas personalidades, dentre elas o referido Prefeito. Enfatizando-a com o título “Nossa Terra Natal” no qual identifica a cidade e declara o seu amor por ela:

Situada no oeste da Paraíba, Uiraúna é mais conhecida como Terra dos Sacerdotes, ou mais precisamente, a Terra do Padre França. (...) E dando provas do amor que tenho por você Uiraúna, estou vencendo os obstáculos que me são impostos, na busca de lhe favorecer com um merecido progresso. No pouco espaço de tempo como prefeito desta terra, tenho o orgulho de afirmar: trabalho com amor para fazer o nosso povo feliz.
João Bosco Nonato Fernandes. Prefeito Municipal (INFORMATIVO UIRAÚNA, 1993, p. 8).

²⁶ Ibid.

²⁷ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

²⁸ Foi Prefeito de Uiraúna durante três mandatos, a saber: 1993 a 1996; 2001 a 2004 e 2005 a 2008. Não podendo reeleger-se apoiou a candidatura de Dr^a Glória Geane, Prefeita atual.

Na mesma página o empresário João Claudino Fernandes, principal patrocinador da Revista Uiraúna, apresenta uma homenagem à cidade, intitulada de “Boas lembranças”

Aqui vivi uma boa parte de minha infância e posso dizer, com toda sinceridade, que foram alguns dos anos mais felizes de minha vida. Este relacionamento com a terra de meus bisavós, avós, pais e outros familiares nunca foi interrompido, mesmo quando sai em busca de novos horizontes. Continuo ligado e fascinado por Uiraúna, e tenho o mesmo orgulho que seus filhos demonstram quando estão longe dela. É uma característica dos uiraunenses falar bem de sua cidade, assumir e ter orgulho de suas raízes.

E não é para menos (...). Há o que se falar de Uiraúna e admiro, particularmente, duas de suas manifestações marcantes e que são alicerces da sua sociedade: a religiosidade e a musicalidade (INFORMATIVO DE UIRAÚNA, 1993, p.8).

Este empresário reside atualmente em Teresina, no Estado de Piauí e manifesta o seu prazer pelo seu lugar de origem e “terra” de seus familiares. Também reforça a construção imagética de uma “Uiraúna do Sacerdócio e da Música”. O verso da última folha de cada edição da “Revista Uiraúna” é o espaço de suas homenagens à cidade. A revista teve sua primeira edição em 2003, período do segundo mandato do referido Prefeito Dr. João Bosco Nonato Fernandes (2001- 2004).

No segundo livro de Tombo (1970) da Igreja Católica Jesus, Maria e José percebe-se a legitimação da cidade como terra do sacerdócio. Veja-se o seguinte fragmento que fala de um terreno que faz parte do patrimônio da igreja constada em relatório:

Nota do Finado Pe. Anacleto: A Matriz tem um patrimônio, digo uma quadra de terra de umas 15 ou 20 tarefas de terra, em que fica localizada a cidade, cujos forros, inclusive a renda dos terrenos (na bacia do açude) são patrimônio da Igreja. Os forros são anualmente arrecadados por um procurador nomeado pelo Vigário com o título de fabriqueiro com o direito de uma porcentagem de 20% na arrecadação bruta que faz prestando conta ao Vigário, Uiraúna, 31 de março de 1971.
Pe. Paulo Zini. (LIVRO DE TOMBO, 1970, fl. 20).

Diante do exposto, percebe-se que este patrimônio pertencente à Paróquia, tem como Padroeira a Sagrada Família: Jesus, Maria e José, e igreja matriz sob a mesma denominação: Jesus, Maria e José, estão associadas às representações e práticas que a elite uiraunense se apropria a fim de legitimar uma Uiraúna do Sacerdócio. Um dos principais argumentos é a enorme quantidade de jovens que obteve formação sacerdotal.

A exemplo do jovem Pe. França, considerado fundador da cidade e mentor da doação de terra para a construção de uma capela contribuindo para o desenvolvimento da localidade:

(...) nomeado o primeiro Capelão da freguesia, residindo numa casa ao lado direito da Capela. (...) Inteligente e dinâmico, o Pe. França contribuiu muito para o

desenvolvimento da localidade que se formava. Por esse motivo, ele é considerado o verdadeiro fundador de Uiraúna (REVISTA UIRAÚNA, 2003, p. 01).

O patrimônio descrito no relatório do Pe. Paulo Zini refere-se à doação de terras efetivada pelo Pe. França no ano de 1874. Em que se localiza a cidade e o templo da Igreja Jesus, Maria e José. Este trecho relata que Uiraúna também é a terra do padre França pelo fato dele ter sido mentor da doação de terra e também o primeiro Capelão deste povo no século XIX.

2.2 O Contexto da Vocação Sacerdotal

Por tanto tempo o saber religioso dominou, quase, com exclusividade, as mentes e os corações da nossa gente (Geraldo Margela Fernandes).

Nos idos do século XVIII a região onde hoje se situa o Município de Uiraúna foi doada em forma de sesmaria²⁹ aos alferes Alexandre Moreira Pinto e a João Nunes Leitão, no período do governo de Jerônimo José de Mello Castro, 1768.

O artigo “De Arrojado à Belém”, de Wlisses Estrela de A. Abreu,³⁰ publicado na “Revista Uiraúna” no ano de 2008, fala sobre esta doação:

O Alferes Alexandre Moreira Pinto e João Nunes Leitão tendo descoberto um olho d'água em serra chamada Ipueiras que desagua no riacho chamado Arrojado, a oeste do rio do Peixe desta capitania, o qual por se achar devoluta situaram e fizeram seus roçados e como tem acomodação para fazerem plantas e criarem seus gados, que se acham desaproveitados, circulando o dito olho d'água e sitio, pretendem sesmaria de toda a terra que se acha do dito olho d'água para aparte do nascente a contestar com terras do sitio chamado Santo André e do olho d'água da Boa Vista para parte do poente com terras do sitio chamado Santa Rita, com três léguas de comprimento e uma de largura ou uma de comprimento e três de largura ou também léguas e meia de em quadro, como melhor conta lhe fizer e acharem terra para poderem se encher das ditas três léguas. Fez-se a concessão aos 14 de Março de 1768 [sic] (ABREU, 2008, p. 67).

²⁹ As sesmarias eram concessões de terras despovoadas ou devolutas, que os reis de Portugal ou governadores de capitanias concediam as pessoas de merecimento ou por serviços prestados. Essas doações serviam para trabalhar na agricultura como para criar gado.

³⁰ Natural da cidade de São João do Rio do Peixe (PB), graduado do curso de Licenciatura Plena em História pela UFCG/CFP, 2008.

Segundo Wlisses Estrela (2008), este é o primeiro documento a tratar do Arrojado – primeiro nome deste lugar; uma concessão de sesmária datada de 1768, em pleno período colonial, ainda vigorando o sistema de Capitania Hereditária e doações de sesmárias.

Cautelosamente, em casos como este, os suplicantes primeiramente se apossavam da terra devoluta, faziam empreendimento para em seguida requerem a sesmária, que não demorava ser concedida. Após a posse legalizada se exigia que o sesmero atuasse depressa em aproveitá-la no prazo de cinco anos. O não aproveitamento da terra tornava a mesma na condição de devoluta e poderia ser solicitada por outro requerente.

Não se tem conhecimento quanto tempo esses alferes Alexandre Moreira Pinto e João Nunes Leitão residiram no Arrojado. Há o esclarecimento de que o primeiro deixou descendência na fazenda Rio do Peixe, a oeste do sítio Arrojado e o outro continua na obscuridade, porém, o seu nome é mencionado no registro de doação de terra (centro da cidade) como patrimônio da Capela da Sagrada Família, atual paróquia de Uiraúna.

Esta região já estava quase povoada no final do século XVIII, notificação obtida mediante a apresentação no Termo de Vereação que mandou fazer o Juiz Ordinário, o tenente Pedro Soares Barbosa com os demais oficiais da Câmara de Pombal no ano de 1794 em que o autor explicita:

Neste Termo, a Câmara provia no posto de almotacés [sic] as pessoas mais idôneas da Ribeira do Rio do Peixe e Piranhas, estando a exercer tal posto João Damacena, na região do Mato Grosso e serra da Quixaba e Antonio do Rego, na região do Agreste, Olho d'água Seco e Lages.³¹

Estas localidades citadas continuam sendo parte do município de Uiraúna, localidades muito próximas à cidade, com exceção da região de Quixaba que é distrito da mesma.

Período em que cada Capitania do Brasil Colônia era dividida em capitâncias-mores. Cujas capitâncias-mores passavam a ser divididas em companhias de ordenança tendo para cada companhia um Capitão-mor. Mediante referência que Wlisses Estrela (2008) faz de uma carta com anexo do mapa de todas as capitâncias-mores da Paraíba do ano de 1806 do governador da Capitania paraibana: Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque para o príncipe regente Dom João.

De acordo com o mapa, a cidade de Sousa nesta época era uma Capitania-mor foi criada no ano de 1800, tendo a frente o Capitão-mor Patrício José de Almeida, chefe

³¹ Abreu, 2008, p. 67.

maior dos demais capitães que regiam as companhias submissas à Capitania-mor de Sousa. A mesma estava dividida em dez companhias de ordenança, dentre uma delas incluía a região do Arrojado:

A Capitania de Sousa estava dividida em dez companhias de ordenança. Uma delas incluía o território do Arrojado. Era a Companhia de Ordenança do Distrito da Extrema, criada em 1801, tendo como Capitão Antônio do Nascimento e Sá. Esta Companhia possuía quatro léguas de comprimento e três de largura, uma população total de 452 habitantes, onde 223 eram homens e 229 eram mulheres. Uma população ativa no trabalho de 70 pessoas, onde 40 trabalhavam com a agricultura, 27 com a criação de gado e 03 eram artistas.³²

Isto mostra que no século XVIII a localidade já contava com um bom número de habitantes, e que estes habitantes estavam sob governança de um capitão que lhes vigiavam, podia aplicar sanções e era o intermediador das instâncias maiores. Pelo o exposto, os primeiros centros habitacionais que atualmente correspondem ao Município de Uiraúna surgiram bem antes do século XIX.

No início do século XIX, o casal Joaquim Duarte Coutinho e Thereza Maria de Jesus já fixava residência nesta localidade. Deste casal nasce no ano de 1840 o Pe. José Joaquim de França Coutinho. Seus pais passaram os últimos anos de vida na fazenda Arrojado³³. Falecendo primeiro o pai em 1850 e a mãe em 1867. Posteriormente, a descendência dos Coutinhos, da ramificação entre os caetanos e galizas morava no Arrojado, os mesmos são considerados os fundadores de Uiraúna.

Mas, o padre José Joaquim de França Coutinho, sendo proprietário de terras e líder religioso, provavelmente incentivou ou foi incentivado a doar a terra para o patrimônio da Igreja. O que é evidente que ele e seus familiares entraram em consenso e doaram uma faixa de “terra de 310 braças”.³⁴

Após a realização desta ação, os doadores têm-se o espaço para construir suas casas e residir em torno da capela da Sagrada família. Sendo que os demais proprietários vizinhos obtinham os lotes mediante o pagamento do foro.

Neste mesmo artigo mostra através de documentos oficiais que o referido Padre França prosseguiu seus estudos e se ordenou em Olinda (PE). No ano de 1867 já estava

³² Ibid, p. 67).

³³ Primeiro nome da localidade em que situa-se a cidade de Uiraúna. E que no século XIX era uma fazenda pertencente a Joaquim Duarte Coutinho, pai do Pe. José Joaquim de França Coutinho.

³⁴ Abreu, p. 69.

ordenado e o seu primeiro ato foi um batismo na Capela de Santa Ana, no povoado de Luiz Gomes (RN). Passando a ajudar espiritualmente as povoações de Luiz Gomes e São João do Rio do Peixe (PB) – nesta última povoação incluía a povoação do Arrojado que passou a denominar-se Belém, segundo a escolha deste padre. E no povoado de São João do Rio do Peixe ele

trabalhou como Pro - pároco no ano de 1869. Em dezembro de 1867, já estava construída a Capela da Sagrada Família, sendo realizado naquele mês, no dia 25, dia de Natal do Senhor, a primeira festa da padroeira. Naquele dia foram batizadas por padre França sete crianças. Os primeiros casamentos celebrados na capelinha datam de 25 de novembro de 1869.

Assim, em Dezembro de 1869, Padre França com toda autoridade de sacerdote muda a denominação de Arrojado para Belém, ficando o lugar conhecido como Belém do Arrojado.³⁵

Neste caso, o Padre França objetivava desenvolver a pequena povoação e juntamente com a Capela, construiu também o primeiro cemitério. Documento anexado ao artigo mostra uma lista de mais de dez pessoas (parentes do Padre França) inclusive o próprio Padre fez a doação de terra para constituir o patrimônio da Sagrada Família³⁶. Ficando evidenciado que a capela da Sagrada Família já existia antes de 1867.

Apenas a doação de terra nos seus arredores foi concedida ou registrada no ano de 1874. O que também se explica porque a atual cidade é mencionada como “Terra do Padre França”, “Terra dos Sacerdotes” (FERNANDES, 2007, p. 10).

O povoado de Belém foi contemplado com mais assistência espiritual ao receberem um pároco exclusivo para lhes assistir. Nas primeiras décadas do século XX, especificamente no ano de 1923, a capela da Sagrada Família da vila de Belém eleva-se a categoria de paróquia amovível vinculada a Diocese de Cajazeiras, em que o padre Nicolau Leite foi designado como pároco. A nova Paróquia passou a ser chamada de “Paróquia da Sagrada Família de Belém”,³⁷ que até então estava ligada a paróquia de São João do Rio do Peixe.

Em 1934, a visita empreendia as paróquias diocesanas pelo novo Bispo D. João da Mata Andrade de Amaral, lhe fez perceber a necessidade de investir em trabalhos que despertasse nos jovens a “vocação sacerdotal”. Iniciando pela paróquia de São José de Piranhas e terminando pela paróquia de Belém, ele percebeu que a Diocese dispunha de um pequeno número de sacerdotes para o trabalho da igreja.

³⁵ Ibid, p. 68.

³⁶ Ver anexo: A, p. 79.

³⁷ Ver Livro de Tombo nº 01, 1923, fl. 02 da Diocese de Cajazeiras - PB

A falta de sacerdotes passou a ser naquele momento, um grande problema a ser solucionado. Então, a princípio o Bispo idealizou:

a criação da Obra das Vocações Sacerdotais, tendente a discernimentos de vocações e angariar mais materiais com que manter almas no Seminário. Assim aproveitando a excelente oportunidade do retiro espiritual, em janeiro de mil novecentos e trinta e cinco. Fundo essa imprescindível Obra, organizando em estatutos, orientando e estimulando os párocos por seu melhor funcionamento e melhores resultados.³⁸

Esse plano foi traçado na ocasião do retiro espiritual de 1935 na cidade de Cajazeiras. Em todas as paróquias foi reforçada a idéia da “vocação sacerdotal”, tendo como suporte inicial a instituição da “Semana da Vocação” com vista a solucionar a falta de sacerdotes e isto era visto como “algo” atormentador:

O problema de escassez de Clero é por demais atormentador e o excia. Sr. Bispo tencionava alma para ele os cristãos da católica, sobretudo com famílias em cujo ambiente cristão nasce o incentivo de desenvolver a vocação sacerdotal. (...) Em todas as paróquias oportunas referencias sobre o palpitante assunto das Vocações Sacerdotais, era de sentir a facilitar a solução do problema e despertar a atenção dos fiéis para a alta dignidade da vocação católica.³⁹

Diante disto, evidencia-se a existência de todo um contexto religioso em que o jovem sentisse motivado para que desabrochasse o desejo pela “vocação sacerdotal”. Se o acesso a educação era restrito, o ensino que se oferecia nas cidades, a maioria em colégios privados era pertencente à Igreja católica. Para o seminário iam aqueles jovens com “vocação sacerdotal”.

Só em 1954, foi inaugurado o Seminário Diocesano de Cajazeiras, no qual a primeira turma teve um bom número de jovens: “Uma turma de cento e trinta (130) meninos ouviu a palavra de Dom Zacarias, orientando-os no caminho a seguir em busca do ideal sacerdotal”.⁴⁰

Esta primeira turma que fez parte da inauguração do Seminário Diocesano Nossa Senhora da Assunção sediado na cidade de Cajazeiras, resultou do empenho do Bispo Dom João da Mata de Andrade Amaral e posteriormente pelo Bispo Dom Zacarias Rolim de Moura e demais líderes religiosos que saiam visitando as cidades, capelas e fazendas da Diocese. Tendo à frente a imagem de “Nossa Senhora de Assunção (...) conclamando vocações para o

³⁸ Ibid, fl. 17

³⁹ Ibid, fl. 24

⁴⁰ Ibid, fl. 67.

Sacerdócio e meios de formar os futuros padres do Sertão”.⁴¹ Desta forma, as visitas realizadas nas paróquias, cidades e fazendas visavam essencialmente desenvolver e despertar nas famílias a disponibilidade de indivíduos para o sacerdócio.

Famílias uiraunenses viviam em meio à escassez dos bens materiais, do difícil acesso à educação, aos meios culturais, a inexistência de equipamentos comunitários, ausência de energia elétrica, entre outros aspectos bastante precários. Como afirma o uiraunense, professor Geraldo Magela Fernandes, no relato intitulado “*Uiraúna como Uiraúna é*” contido na 5ª edição da “Revista Uiraúna:”

Todos tivemos que viver no contexto de terras áridas, água escassa, precário meios para a criação de animais, comércio incipiente, indústria artesanal- engenho à tração do animal para moer cana e produzir rapadura e açúcar mascavo; produção de queijo artesanal nas próprias fazendas; mercenárias para produzir móveis para os lares entre outras atividades neste setor; prestação de serviços braçais de aluguel (limpa de roça, cata de algodão, colheita de milho, feijão arroz, batata doce), francamente remunerados. (...) É bom que se reafirme que o povo de Uiraúna não valorizou formas arcaicas e atrasadas de sobrevivência, configuradas na força do bando ou da violência de grupos privados. Ele se apegou a ações racionais direcionadas ao desenvolvimento de atividades comerciais legais [sic] (FERNANDES, 2007, p. 08).

Diante do exposto percebe-se as dificuldades vivenciadas pela sociedade uiraunense que obtinha do trabalho agrícola a fonte de subsistência familiar, e, desde os tempos remotos os jovens não tinham quase direito de optar por outras escolhas profissionais. Além do difícil acesso à educação, ir para um Seminário era a porta da oportunidade que se abria para muitos jovens irem à procura do saber.

Antônio Batista da Silva Neto, ao escrever na “Revista Uiraúna” em 2003, argumenta que na referida cidade se estruturou uma sociedade de aspecto patriarcal forjada num sentimento de fé e religiosidade, onde, *a priori*, tudo girava em volta da figura do padre. Em sua experiência, Antônio Batista Neto ainda diz que o padre era uma figura mista de representante de Deus e de oráculo em todos os anseios da vida política, social e intelectual do povo de Uiraúna, quando era a antiga Povoação de Belém, depois Vila Canaã e consecutivamente Uiraúna. Assim ele fala da “vocação sacerdotal” enquanto anseio mais forte por parte da família do que do jovem:

(...) desde os primórdios, vamos encontrar o pensamento quase generalizado de que a única carreira que atendia aos anseios de nossas famílias era o sacerdócio. E a situação era tal que quando o seminarista manifestava o desejo de abraçar outra vocação, as mais das vezes, se sentia cortado do seu desideratum, tamanho valor que

⁴¹ Ibid, fl. 59.

os nossos antepassados davam a formação eclesiástica. E o resultado dessa concepção, até certo ponto censurável, é que essa orientação subestimou as demais profissões, como se todo trabalho não recebesse as bênçãos de Deus (NETO, 2003, p. 13).

Este discurso mostra um pouco do porque de tantos jovens seguirem a vida eclesiástica, persistindo aproximadamente até os anos 60:

Até o limiar dos anos 60, a nossa cidade ainda conservava aquela fisionomia monárquica, voltada para as festa da igreja, para a figura do padre, para o respeito aos valores espirituais que aqui se formaram ao longo de muitos anos. Entretanto, a partir desse tempo o nosso povo secularizou-se, a ponto de transformar-se numa população de pendência heterogênea de sentimentos díspares.⁴²

O mesmo autor afirma que dos anos 60 em diante os jovens uiraunenses tiveram novas oportunidades e encheram os colégios oficiais e educandários que ofereciam aos mesmos, novas perspectivas sociais e de outras vias profissionais. Entre os uiraunenses desenvolveu-se uma mentalidade universitária que evolui cada vez mais, e isto devido à visão dos acadêmicos, ao progresso científico e tecnológico do mundo moderno. Argumentando que isto resulta da influência dos sacerdotes de Uiraúna que

(...) sob o bafejo e influxo da tradição sacerdotal que concorreu indubitavelmente, para que os estudantes de Uiraúna despertassem para novos caminhos que não fosse a carreira eclesiástica, sem esquecer outros fatores que contribuíram para essa arrancada como a contingência do próprio tempo, o inesquecível Ginásio Afonso Pereira e acima de tudo o foro de civilização que alcançamos, haja vista os seminaristas que deixaram a batina e que ocuparam presentemente, posição de relevo com médico, advogado ou outra profissão digna de nota.⁴³

Mesmo assim, o autor não deixa claro quem foram os seminaristas que desistiram da batina para seguir outras profissões. Apenas no livro de Tombo nº 1 da Diocese de Cajazeiras (1923-1980) está registrado nas últimas páginas a desistência de dois seminaristas à formação de padre após concluírem o curso de Filosofia. Ainda aponta que um destes seminaristas desistiu no ano de 1969 e o outro já em 1980.

Essas desistências pelo ideal sacerdotal são perceptíveis nas palavras de Maria Joaquina Vieira, família de vários padres oriundos do Distrito de Quixaba. A mesma relatando sobre o sacerdócio faz um paralelo entre os dias atuais e o período que muitos jovens “iam ser padre”:

⁴² Neto, 2003, p. 13.

⁴³ Ibid, p. 13.

Agora pra ser padre, se não for por vocação não vai não. A vocação é um chamado de Deus. Olha naquele tempo, eu só estudei em colégio de freira... Naquele tempo muitos jovens iam ser padre, mas agora não sai mais nenhum... (informação verbal).⁴⁴

Uma vez que neste Município não tem mais jovens ingressando no caminho do sacerdócio, o que se pode observar são: as lembranças de outrora vivenciadas pelos uiraunenses que vem acompanhando as mudanças em todos os aspectos da sociedade. Especificamente de Uiraúna, associando-a como parte de uma sociedade que vive segundo os parâmetros do mundo globalizado.

Porém, o mesmo Geraldo M. Fernandes escrevendo novamente na “Revista Uiraúna” no ano de 2004, relatando suas primeiras experiências e vivências, considera que a religião é um marco da cultura do uiraunense, sob a égide da Matriz Jesus Maria José, estabelecida no centro da cidade se formou num emblema de união e sociabilidade dos seus fiéis independentemente dos *status* sociais. Em sua percepção, as missas celebradas aos domingos, os novenários, a festa da padroeira que ocorre sempre no mês de janeiro:

são momentos de congraçamentos de toda a sociedade local (...). Na promoção dessas atividades ficaram em nossa memória figuras como Padre Anacleto, dedicado e zeloso nas promoções das atividades pastorais, e persistente incentivador de vocações sacerdotais (FERNANDES, 2004, p. 3).

O que se observa é o consagrado reconhecimento dos uiraunenses propagarem a cidade de Uiraúna com a alcunha “Terra dos Sacerdotes” ou “Berço Sacerdotal” é assim justificado diante de um bom número de jovens que vivenciaram todo um contexto familiar e receberam incentivos dos párocos. De modo que os jovens não tinham outra saída a não ser contritos a seguirem ao chamado sacerdotal. Além disto, a família que tinha um filho padre era visto como sinônimo de santidade. Assim afirma Maria Joaquina Vieira lembrando o papel exercido pela família que motivava os filhos a serem padres.

Antes a oportunidade pra ser padre eu acho que era maior porque a família ensinava aos filhos a religião, o catecismo, não era nem pra ler a Bíblia. Era um povo sei não... Já nasci com aquela tradição religiosa e outra, que ensinava o bom caminho era o da Igreja e ensinavam que ser padre era uma coisa muito boa. Eu acho que ser padre é vocação, tudo é vocação (informação verbal).⁴⁵

⁴⁴ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

⁴⁵ Ibid.

Para esta senhora que nasceu numa família tradicionalmente religiosa, que vivenciou a época de maior compromisso da família com os ensinamentos religiosos e incentiva os filhos serem padres por ser tido como “algo” muito bom, há um valor incrementado a família que tivesse um filho padre:

A família que tinha um filho padre era uma família benemérita, a família ter um filho padre parecia que era a família santa, era o maior valor que se dava, era uma família que tivesse sacerdote. Ah! É uma família nobre... A família que tem padre. Era demais o respeito que tinha beijar a mão do padre... Mas hoje é difícil, né? Então, a família que tivesse um filho padre era abençoada por Deus, agraciada. A mesma idéia eu tinha, eu achava muito importante demais, mas eu nunca tinha aquela, aquela paixão não. Mas eu era muito religiosa e ainda sou... (informação verbal).⁴⁶

Então o contexto da vocação sacerdotal nesta cidade era propiciador para que muitos jovens optassem pelo sacerdócio. O século XX tinha como fio condutor os incentivos advindos da sede Diocesana sediada na cidade de Cajazeiras. Que fazia visitas as paróquias, capelas e fazendas, juntamente com o pároco local articulava a população em torno dos benefícios de ser padre.

2.3 Uiraúna: “Terra dos Músicos”

Não posso falar em Uiraúna, sem que não lembre também de sua musicalidade, que está entranhada na alma e no coração de cada uiraunense, quem não for músico, tem pelo menos um músico ou ex- músico na família (Eronildo dos Santos).⁴⁷

Este subtítulo é o título de um relato registrado na primeira edição da “Revista Uiraúna” no ano de 2003. A ênfase de mais uma imagem de Uiraúna, e desta feita constituída como uma “Terra dos Músicos”. Assim destaca Cláudio Márcio Fernandes⁴⁸ finalizando o relato “Uiraúna ‘Terra dos Músicos’” da seguinte forma: “Parabéns Uiraúna, por ser

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Assessor de Comunicação da Prefeitura Municipal da Cidade de Uiraúna desde os três mandatos do ex-prefeito Dr João Bosco Nonato Fernandes até a gestão atual.

⁴⁸ Músico atual da Banda de Música Jesus Maria e José e sobrinho de Dedé de Capitão.

cognominada de “Terra da Música” (FERNANDES, 2003, p. 23). Homenagem feita pela ocasião do cinquentenário de emancipação política desta cidade.

É como se surgisse ao lado da vocação sacerdotal, a vocação musical como forma dinamizadora dos momentos festivos, das comemorações religiosas, políticas e sociais da sociedade uiraunense.

Dentre outros aspectos, a cidade de Uiraúna representada como uma “Uiraúna da Música” aparece desde a criação da Bandeira deste Município que mostra indícios desta alcunha. (ver a clave de sol representada ao centro da bandeira). Cujo reconhecimento à música é também registrado na Revista Uiraúna (2003) por Maria Joaquina Vieira admitindo “afeto a repercussão sonora e harmoniosa da Música que tem dado a nossa Terra, ao Estado e ao Brasil grandes músicos, uma das grandes honras deste rincão abençoado” (VIEIRA, 2003, p. 48).

Palavras da vereadora Maria Joaquina Vieira, que demonstra amor ao som da música desta cidade, procedente de longos anos. Constituindo o centro das atenções da criança ao ancião. Além disso, o músico Cláudio Márcio Fernandes argumenta que a Banda de Música Jesus Maria e José é a típica influenciadora para o surgimento de outras manifestações musicais, de modo que deu a Uiraúna o título de “Terra dos Músicos”, fazendo brotar

vários grupos musicais, fanfarras, quartetos e afins, todos regidos por músicos de nossa querida Banda de Música Jesus Maria e José. Músicos como: Geraldo Moisés de Andrade Júnior, Ewerton Luiz Lopes da Silva, Lúcio Duarte, regentes de fanfarras e Bandas, são profissionais talentosos, de uma dedicação e criatividade invejáveis. Músicos como Jacob Sobreira, Blínio e Elton levam em seus Cd's, o retrato da nossa cultura, nos deixando sensibilizados e orgulhosos por nos representarem onde quer que estejam (VIEIRA, 2009, p. 7).

Segundo os diversos relatos, a melodia musical teve início quando Uiraúna ainda era Belém, mais precisamente no ano de 1914, com criação da primeira banda de música deste povoado, pelo empenho do fundador Padre Costa bem como a colaboração de alguns uiraunenses que contribuíram financeiramente para comprar os instrumentos musicais. Foi assim que saíram em comissão pela Vila angariando recursos os seguintes líderes: Marcelino Vieira da Costa, conhecido como Marcelino do Poço, o qual era irmão do Padre Costa e José Correia de Queiroga, chamado por Zequinha Correia, considerado como grande músico. Além do fundador e destes dois líderes, soma-se a este empreendimento, a ideia de criação da banda por quatro músicos advindos do Estado do Ceará, especificamente da cidade de Missão Velha, por motivo de uma turbulenta rebelião de cunho político ocorrida naquela

região cearense: Raimundo Sá, que foi o primeiro maestro da banda, tocava clarinete; Luis Barreto tocava o instrumento chamado pistom e foi o segundo maestro; por sua vez José Brígido tocava trombone e José Passos tocava bombardino.

De posse de seus instrumentos musicais, os quatro músicos propuseram ao Padre Costa a formação de uma banda de música, pois os mesmos estavam à procura de algum ganho e apresentaram a idéia de ensinar música aos uiraunenses. O Padre Cônego Manoel Vieira da Costa apoiou esta ideia com bastante entusiasmo. Juntamente com outros músicos da comunidade formaram a Banda “Costa Correia” (REVISTA UIRAÚNA, 2003, p. 23). Cujas banda era formada pelos seguintes músicos: Antônio Caboclo – pistom; Major Guedes – clarinete; Antônio Francisco – tuba; Zezé de Cazuzá – trombone; Zé de Velhinho – pistom; Zéu de Capitão – trompa; Luis Rodrigues – prato; Firmo Correia – bombardino e Antônio Correia – tuba.

Esta banda de música nomeada Costa Correia funcionou consecutivamente até o ano de 1927 tendo como um dos motivos, a volta dos cearenses. Mas, o maestro Dedé de Capitão informa outros motivos que contribuíram para a extinção da “Banda Costa Correia”:

(...) essa Banda, essa Banda aí foi fundada em 1914, quando foi em 1927 extinguiu, acabou-se a Banda. Agora eu vou lhe dizer o motivo: naquela época só podia ser músico, jovem, solteiro. Os jovens iam se casando e iam deixando a Banda, e quando foi em 1927 a banda parou. Eu não sei por que, porque não tinha renda, né? Não podiam fazer parte... Ia deixando, até que acabou-se a Banda (informação verbal).⁴⁹

Além da volta dos músicos cearenses a sua terra natal, o ex-maestro Dedé de Capitão aponta outros motivos dos quais se destaca a regra imposta: só poderia ser músico se o indivíduo fosse solteiro; os jovens iam se casando e outros não assumiam a função. Outro motivo era a ausência de renda, visto que o apoio financeiro por parte da Igreja Jesus Maria José era insuficiente. Considerando que a imposição do pároco Pe. Costa dificultava o ingresso de outras pessoas à banda.

A Banda de música que animava as celebrações da igreja fez bastante falta ao povoado, por exemplo. De modo que, com sua extinção era necessário convocar banda de música de outro lugar.

⁴⁹ Dedé de Capitão, 2011. Entrevista original e transcrita. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

Quando a Banda extinguiu, ah... O povo sentiu falta, quando aparecia uma festa precisava contratar banda de música de fora [esposa: festa, festa da Padroeira; festa não se faz com, com banda, com música?] (informação verbal).⁵⁰

Pelo exposto, a Banda de Música “Costa Correia” era vinculada a Igreja Jesus, Maria e José, e por quase três anos esta Banda ficou desativada. Porém, no ano de 1930 o novo pároco Padre Antônio Anacleto de Andrade proporcionou a reativação da banda que mais uma vez ficou vinculada à Igreja.

A partir da restauração, o referido Padre cria um novo nome para a banda, denominando-a de “Banda de Música Jesus Maria José”⁵¹. A qual passou a ser amparada e comandada pela Igreja local até a primeira metade dos anos 70.

Apesar da repercussão da banda de música de Uiraúna, a mesma ganhou aval de legitimidade nos anos 70 com a confecção dos símbolos deste Município. Olhando para a bandeira desta cidade percebe-se rapidamente uma representação de cinco linhas paralelas (pentagrama) com uma clave de sol sobre estas linhas simbolizando a música.

A influência do saber musical desta cidade faz com que a mesma ganhe respaldo de uma “Uiraúna da Música”, em que músicos uiraunenses defendem a ideia de ser puramente êxito vocacional que os filhos da mesma têm:

Nós uiraunenses, temos um privilégio ímpar. Não precisamos recorrer ao passado, a meros fatos históricos, para decifrar nossa história, somos agradecidos todos os dias ininterruptamente por um dom que reside nos lares das famílias uiraunenses. O dom MUSICAL é algo extraordinário em nossas vidas. (REVISTA UIRAÚNA, 2009, p. 07).

Trecho do relato nomeado: “*Por que Uiraúna é a Terra dos Músicos?*”, escrito pelos músicos: Geraldo Moisés Junior (filho do atual maestro: Geraldo Moisés) e Cláudio Marcio Fernandes, membros da Banda de Música “Jesus Maria e José”.

Se nesta cidade, ser músico é “dom”, porque esses músicos necessitam de professor de música, de escola voltada para a música? Remuneração? Onde estão os incentivos? Onde fica o apoio da Paróquia local, da sociedade, do Poder Público Municipal?

As leituras empreendidas nos livros de Ata (1955) pertencentes ao Legislativo local mostra que já havia desde 1955 uma preocupação do Poder Executivo para ajudar esta Banda de Música Jesus Maria e José. Isto acontece durante a primeira reunião ordinária do Poder

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna/PB, Elaborado por Maria Emília Fernandes (Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto) e Maria Enéas de Oliveira, supervisora deste Município. 14 de jul. de 2003, p. 10.

Legislativo: “Casa Olinto Pinheiro” em que se observa a citação de vários Projetos Leis do Poder Executivo a serem votados pelo Poder Legislativo. O sexto projeto se refere à concessão de “auxílio à Banda de Música local para aquisição de fardamentos, etc ...” [sic] (ATA nº 02, 12/12/ 1955, fl.02). Esse projeto foi aprovado por unanimidade de votos em primeira discussão.

Os anos se passaram e após quase cinco anos aparece um Projeto Lei de responsabilidade do vereador João Caboclo de Sá que abre “um crédito especial de Cr\$ 20.000.00 para aquisição de um fardamento da banda de Música Local” (ATA nº16, 14/ 06/ 1960, fl. 34). Novamente houve aprovação dos demais vereadores, o que não fica evidente é se a Banda recebeu este benefício, mas havia esforço para isto.

A Banda de Música Jesus Maria e José continuava necessitando de ajuda para arcar com a manutenção da sua sede. Assim, no ano de 1969 foi apresentado um Projeto Lei do presidente da Câmara de vereadores: Antônio Fernandes Sobrinho ao Poder Executivo, permitindo a criação de uma verba na importância de “NCr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros novos)” [sic] (ATA nº 30, 30/12/ 1969, fl. 37). Deste modo, a colaboração que a sociedade concedia à Igreja local para manter e suprir as necessidades da Banda era insuficiente. Por outro lado, a ajuda concedida pela sociedade em prol do funcionamento da Banda representava o valor que a mesma tinha para a sociedade e para os integrantes significava também mais um incentivo de obter certa quantia em dinheiro.

Em meio às dificuldades financeiras vivenciadas pelos integrantes desta Banda de Música Jesus Maria e José desta cidade, a mesma continua ativa em suas atividades religiosas, cívicas ou profanas. Seja encantando mentes e corações, influenciando jovens e crianças pela música, emocionando familiares, anciãos.

CAPÍTULO: III

UIRAÚNA NAS TRILHAS MUSICAIS: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA?

Quem não sentiu emoção de ver e ouvir a Banda passar pelas ruas de Uiraúna tocando nas festas religiosas, (...) entre outras solenidades? Mesmo aquele mais forte dos homens, já se deixou levar pela emoção do som harmonioso durante 95 anos de presença constante da banda Jesus, Maria e José fazendo parte da história cultural de Uiraúna, Berço da Música na Paraíba e no Brasil (REVISTA UIRAÚNA, 2009, p. 19).

A música fascina o homem, demonstrando suas emoções, entusiasmo, sensibilidade e habilidade talentosa. Desta forma, a melodia musical iniciou a encantar a sociedade uiraunense no início do século XX sob o som harmonioso da Banda “Costa Correia” que nasceu da idéia de músicos cearenses precisando de emprego levaram a idealização ao pároco local conhecido por Padre Costa⁵².

Posteriormente, a Banda de Música desta cidade esteve durante muitos anos dependente da Paróquia Sagrada Família: Jesus Maria José, sob a figura do Padre Antônio Anacleto de Andrade que exercia certa influência na sociedade e sobre a Banda de Música, nomeada por esse padre por “Banda de Música Jesus Maria e José”.

Segundo relato contido na “Revista Uiraúna” em 2006, consta que na Paraíba existe o registro de mais de cem (100) bandas de músicas ou filarmônica. A mais antiga é a “Filarmônica Duarte Machado fundada em 1874⁵³” pertencente à cidade de Santa Luzia. Por sua vez a segunda banda mais antiga “é a atual Banda de Música Jesus Maria José nascida como banda de música Costa Correia⁵⁴” em 1914 da cidade de Uiraúna.

⁵² Cônego Manuel Vieira da Costa e Sá nasceu no Sítio Quixaba (distrito de Uiraúna) no ano de 1833. Ordenou em 1865 e foi o segundo Capelão de Uiraúna. Também foi vigário na cidade de São José de Piranhas, Pombal, São João do Rio do Peixe e Brejo do Cruz. Durante os anos de 1882-1883 e 1884-1885 integrou o Legislativo Provincial. O mesmo faleceu em 1924.

⁵³ Revista Uiraúna, 2006, p. 69.

⁵⁴ Ibid.

3.1 Banda de Música Jesus Maria e José nas trilhas da história

Vamos todos para a Praça, para ver a Banda passar! (Hélio Galiza).⁵⁵



Foto 04 – Banda de Música Jesus Maria e José, 2009.

Fonte: WWW.uiraúna.net

Esta imagem mostra a representação da “Banda de Música Jesus Maria e José⁵⁶”, ordenada em quatro filas sob a maestria do músico Geraldo Moisés de Andrade⁵⁷ (o primeiro que se encontra um pouco adiante de todos os integrantes, e o único que está com a camisa diferente dos demais músicos) desfilando nas principais ruas desta cidade de Uiraúna. Pelos indícios, esta exposição faz parte de alguma homenagem comemorativa. Pois as linhas destacadas em branco no chão da avenida são recentes e geralmente são destacadas para as

⁵⁵ Cidadão uiraunense, (casado com uma irmã da esposa de Dedé de Capitão) exerceu o mandato de vereador nos anos de 1989-1992; 1993-1996 (Presidente da Câmara no biênio 1994-1996) é ex-professor da UFPB.

⁵⁶ É uma banda tradicional por ser a primeira banda da cidade, não possui dançarina, possui e toca instrumento clássico. Algo que as demais bandas uiraunenses não têm e também não toca. Composta por quase 40 músicos e dispõe dos seguintes instrumentos: 4/5 trombone de vara, 05 trompete, 03 tuba, 02 bombardino, 04 sax alto, 02 tenor, 06 clarineta, 03 trompa, 01 bombo, 01 surdo, 01 prato e 01 caixa/toral.

⁵⁷ Sucessor do maestro Dedé de Capitão.

comemorações cívicas em homenagem ao dia da cidade (02 de dezembro) a partir das cinco horas da tarde.

Mas podemos observar que a Banda está só, o que é comum no dia desta cidade a referida Banda de Música voltear nas principais ruas logo pela manhã tocando diversos dobrados. Diante do exposto a mesma Banda está vindo da Rua Francisco Leão Veloso passando próxima a calçada da Igreja Jesus Maria e José em direção a Rua José Vieira Bugary. Por trás dos integrantes desta banda, observamos a presença de um homem com vestes simples sobre uma moto estacionando-a para contemplar a mesma passar; talvez seja um admirador da beleza musical.

É bastante dificultoso falar da “Banda de Música Jesus Maria e José” devido tamanha dinamicidade da mesma, bem como dos seus idealizadores, integrantes e admiradores. Porém meu olhar partirá dos relatos escritos e orais compostos sobre a mesma.

Esta Banda de Música é recheada de experiências vivenciadas por seus integrantes e admiradores, como se percebe na citação acima, em que a praça era o local principal das pessoas verem a Banda passar e também era um dos pontos de parada ou encerramento da apresentação da mesma. Precisamente na “Praça dos Músicos” que fica no centro da cidade de Uiraúna e ao lado da praça “Padre França⁵⁸”:



Foto 05 - Praça dos Músicos: Zequinha Correia. Arquivo Pessoal, abril, 2010

⁵⁸ Em comemoração a seu centenário foi erguida na década de 1940 a estátua do uiraunense Padre Joaquim José de França, na praça que tem o mesmo nome em homenagem ao mesmo.

Esta imagem acima representa a praça dos músicos, denominada de “Praça dos Músicos: Zequinha Correia”⁵⁹, construída no primeiro mandato do 8º Prefeito de Uiraúna: Dr Geraldo Nogueira de Almeida⁶⁰. A referida praça localiza-se entre as ruas: Sabino Correia e Capitão Israel. Como é perceptível este monumento está erguido na principal via urbana em que se destaca o símbolo musical demarcando a “Terra dos Músicos”.

Essa praça, representa o espaço de encontro e sociabilidade dos músicos, dos seus admiradores e da sociedade que frequenta este local por interesses diversos. Pois as laterais da praça servem de pontos estratégicos para alguns proprietários de veículos que viajam com passageiros para as cidades de Sousa e Cajazeiras durante o período da manhã. Durante a noite a referida praça é também freqüentada por amigos, por alguns casais de namorados, entre outros. Contudo, é menos freqüentada do que a Praça Padre França.



Foto 06 – Praça Padre França, centro da cidade de Uiraúna/PB, visão noturna, 2009.

Fonte: WWW.cofemac.com.br

⁵⁹ Em homenagem ao senhor José Ferreira de Queiroga (Zequinha Correia) nascido em 1889 e falecido em 1977. Desde a juventude destacou-se como fabricante de selas, além de agricultor era reconhecido como bom vaqueiro. Bastante conhecido pela costureira “queda de braços”, brincadeira da qual tornou-se campeão entre os amigos. Sua primeira residência era no prédio da atual sede dos Correios que fica na Rua Sabino Correia em frente da Praça dos Músicos. Destacou-se no empenho para a formação da Banda de Música Jesus Maria e José, tornando-se um dos seus integrantes fundador.

⁶⁰ Exerceu o 8º mandato a Prefeito em 1983-1988 e o 11º mandato nos anos de 1997-2000. O mesmo é irmão do 6º Prefeito desta cidade Dr. Manoel Nogueira Neto. Ver com mais ênfase na “Revista Uiraúna”, 2005.

Saindo da Praça dos Músicos logo chega nesta mencionada praça que se situa entre as ruas: Sabino Correia (onde está estacionado um veículo de cor escura, próximo à esquina), neste lado onde tem a presença de algumas bicicletas, motos e carros em torno desta praça em que constata-se também a presença de vendedor ambulante fica a Rua Capitão Israel. No outro lado da praça é a Rua João Pinto, ambas as ruas são consideradas as principais da cidade e por onde passa os desfiles cívicos, as bandas de músicas⁶¹, os transeuntes, as caminhadas religiosas, etc.

Maria Joaquina Vieira ao ver a Banda de Música passar relembra momentos que marcaram sua vida e emociona-se:

Quando é nas festas cívicas, em vez de eu ficar alegre... eu choro [tristonha neste momento] com aqueles dobrados. Papai gostava demais de ver a Banda tocar aqueles dobrados. E quando passa em frente da casa que meus pais moravam dá uma recordação... Ele morreu no dia 04 de setembro e a Banda passou no dia 07 de setembro. Eles gostavam muito de dobrados... é aquilo que faz assim: pam, pam pam ram pam pam, pam. Ele gostava, né? (informação verbal).⁶²

São diversas as sensibilidades instauradas pelo toque musical que ora alegra, entristece, encanta, etc. Para Maria Joaquina, os dobrados tocados pela Banda lhe entristece, por possibilitar recordações de seus pais que admiravam a Banda.

A música apresenta significado ao sujeito na medida em que ele associa as experiências de vida com outras pessoas. Patrícia Wazlawick (2006) mostra que a emoção vista como intermediária do todo da realidade humana está em constante relação coerente

entre os sujeitos e destes com o mundo. Vinculam-se as esferas da vida social, enquanto ela é construída social e historicamente nas relações entre os sujeitos e o seu contexto em que permitem visualizar a 'implicação' (RELLER, 1980) que se dá nesta dinâmica (RELLER, 1980 apud WAZLAWICK, 2009, p. 2).

⁶¹ São regidas por maestros advindos da Banda de música Jesus Maria e José as outras bandas de música da cidade de Uiraúna, a saber: Banda de Música Ariosvaldo Fernandes (criada em 2007 como Banda Filarmônica da Escola de Música Manoel Israel, mas em 01/12/2008 surge como Banda de Música Ariosvaldo Fernandes) formada por 36 garotos e garotas uiraunenses na faixa etária de 11 a 16 anos e regida sob a maestria do jovem professor Geraldo Moisés de Andrade Júnior e mantida pelo Prefeitura Municipal de Uiraúna. Em seguida surge a Banda Marcial Constantino Fernandes Queiroga regida pelo maestro Geraldo Moisés Júnior. A referida banda é composta por 60 integrantes e foi criada em 02/12/2008 com a chegada de instrumentos para a formação de uma banda marcial através da Secretaria de Educação e da Prefeitura Municipal. Ver maiores informações na Revista Uiraúna, dez, 2009.

A FELC (Fundação Educacional Lica Claudino) possui uma banda de música denominada de Banda Marcial José Alencar, criada também no ano de 2007 e regida pelos maestros Ewerton Luiz e Lúcio Duarte. Ambos oriundos da Banda de Música Jesus Maria e José. Ver também na revista Leia Felc, mai, 2011.

⁶² Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

De acordo com um relato arquivado pelo ex-maestro José Gomes, a Banda de Música Jesus Maria e José passou a obter apoio financeiro da Paróquia Sagrada Família que recebia contribuição dos uiraunenses, principalmente dos comerciantes que repassavam para o padre e por sua vez, ajudavam manter a banda. Ajuda esta que perdurou até os anos de 1975, período em que a banda pertencia à Igreja Jesus, Maria e José.

Foi em 1930 que os jovens integrantes desta Banda iniciaram suas atividades musicais com abundante regozijo. No período em que a mesma foi restaurada, jovens como Dedé de Capitão (José Gomes), Chico de Adelino, Velhinho Alencar, Lourival, Manuel Israel, Riva Correia, Neco Manoelzinho e outros uiraunenses começaram tocar na Banda. Neco Maoelzinho foi o primeiro músico uiraunense a ser maestro desta Banda de Música Jesus Maria e José e o primeiro contra - mestre Zequinha Correia, um dos que saíram na sociedade uiraunense angariando recursos para a reestruturação da Banda. Além destes maestros não faltou sucessores uiraunenses, tendo a menção dos filhos de Capitão Israel, a saber: Manuel Israel, Misael Silveira, Espedito Gomes e Dedé de Capitão que esteve dirigindo à Banda por mais de 43 anos (1956-2000).

Os comentários positivos desta Banda têm lhe proporcionado as diversas propostas de constantes convites para tocar em “festas de padroeira, bailes, carnavais e tocatas diversas (...) não perdendo seu brilho, nem sua postura” (GALIZA, 1999).

Com este entusiasmo no ano de 1962 esta Banda de Música Jesus Maria e José obteve o 2º lugar na participação de um concurso promovido pela “Argos Industrial” de São Paulo realizado em Campina Grande (PB). Em outro evento realizado em João Pessoa pela PBTUR e GRÃ-PIRES em 1973 esta Banda de Música conseguiu o segundo lugar no Estado da Paraíba. Já em 1980 na cidade de Sousa ela galgou o 1º lugar no Festival de Bandas de Músicas do Interior.

Estas conquistas fortaleciam cada vez mais esta Filarmônica que também foi se organizando aos poucos. Primeiramente estabeleceu a criação da SODAU – Sociedade de Difusão Artística de Uiraúna, entidade que colocou em prática os objetivos propostos que se resumia em “divulgar, ensinar e descobrir novos valores com talentos musicais; angariar recursos com os poderes públicos⁶³”. Daí tem-se a referência de Teotonio Neto e Antônio

⁶³ Ver relato escrito sobre a Banda de Música Jesus Maria e José por Hélio Galiza, 1999.

Mariz⁶⁴ que concederam auxílios para restauração dos instrumentos e para aquisição de outros instrumentos de maior necessidade.

A organização desta entidade (SODAU) declarada como Utilidade Pública na instância Municipal rompeu com a Igreja Jesus, Maria e José e vinculada ao Poder Público local a partir de 1976 em diante, e, ao mesmo tempo a Banda foi desvinculada da Igreja Jesus Maria e José.

O desligamento desta Banda com a Igreja fez com que o Padre Antônio Anacleto de Andrade tomasse os instrumentos da mesma. Como afirma o ex-maestro Dedé de Capitão relembando um pouco do acontecido:

(...) a Banda era sustentada pela Igreja... Já com a evolução do tempo, né? Melhorar de vida... criou-se uma Sociedade: Difusão Artística de Uiraúna. Então essa Sociedade desligou-se, retirou da Igreja, viu? Desligou-se... O vigário recolheu todos os instrumentos, os instrumentos que era da Igreja... recolheu. Eu não sei o que ele fez com aqueles instrumentos. E a Banda continuou sem esses instrumentos e continuou com essa Sociedade filantrópica... Ela recebe dos bancos, verbas pra comprar os instrumentos. Esses instrumentos melhorou a situação da Banda, viu? Era muito precária, viu? Agora não, com essa Sociedade filantrópica, temos o direito de pedir as instituições... (...) É tanto que essa Banda hoje, não tem nada... Apenas o nome é da Igreja, mas não tem nada de benefício pela Igreja, não. (...) O Padre pegou os instrumentos dizendo que ia ajeitar pra..., ele recolheu dizendo que ia botar uma escola de garotos..., ia mandar esses instrumentos pra Recife e não sei que fim levou. Eu ouvi falar que ele deu alguns desses instrumentos. A Banda não ficou sem nada porque já tinha a metade, menos da metade e daí pra cá, foi adquirindo o resto. Eu como maestro da Banda, não fiz nada, o que ele pediu, eu entreguei. (informação verbal).⁶⁵

A independência desta Banda sob a organização da SODAU foi aplaudida por seus integrantes. Mesmo que causou uma forte reação do pároco local demonstrada pela atitude do recolhimento dos instrumentos que os componentes utilizavam. Na percepção do seu Dedé de Capitão, na qualidade de maestro da Banda na época, ele visualizou as vantagens no sentido de melhorias financeiras e autonomia da Banda.

As pesquisas mostram que as melhorias ocorreram paulatinamente. Ainda nos anos 80 esta Banda de Música foi assunto enfatizado na Câmara Legislativa: “Casa Olinto Pinheiro”, na expectativa de conseguir recursos financeiros para seus integrantes. Neste período Uiraúna já possuía duas Bandas de Músicas: Jesus Maria e José e 02 de Dezembro.

Os maestros Dedé de Capitão e Ariosvaldo Fernandes (maestro da segunda banda) foram a Sessão Ordinária “reivindicar aumento de salário para a classe” (ATA nº 26, 05/11/

⁶⁴ Já exerceu o cargo de Prefeito da cidade de Sousa e Governador do Estado da Paraíba (*in memoriam*).

⁶⁵ Dedé de Capitão, 2011. Entrevista original e transcrita. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

1987, fl. 195). Estando também presente o músico e professor Xavier Fernandes (filho do maestro Ariosvaldo Fernandes) que expôs o seguinte discurso:

Como todos os uiraunenses sabem e sentem o valor de nossas Bandas de músicas e de nossos músicos, não só aqui, mas toda a região e Estados vizinhos, e que a mesma estava passando por sérias dificuldades por não ser bem remunerados, chegando a se dispersar vários músicos para outras cidades, como temos o exemplo de 05 deles que estão residindo em Ararapina – Pernambuco, onde lá o Sr. Prefeito Municipal dá melhores condições de vida para os mesmos e a fim de que não saiam outros, vem encarecidamente pedir em nome de seus companheiros músicos, o apoio, a solidariedade dos vereadores que juntos possam reivindicar melhor salário ao Sr. Prefeito, Dr. Geraldo de N. A, a fim de que possam permanecer na nossa terra e continuem abrilhantando com o som do Dolbrado os nossos conterrâneos e a nossa cidade (ATA nº26, 1987, fl. 195).

Os músicos já estavam recebendo uma remuneração da Prefeitura Municipal de Uiraúna e no momento queriam aumento salarial. Mediante este discurso fica esclarecido que diante da facilidade que muitos uiraunenses tinham em aprender música, estava o incentivo financeiro. Para os que tinham a oportunidade de ingressar na banda como músico estava com o emprego ou ganho garantido em meio a muitos uiraunenses sem trabalho remunerado ou até mesmo sem uma fonte de renda para sobreviver.

Na mesma ocasião o maestro Dedé de Capitão expõe seu argumento:

(...) o Maestro José Gomes reforçou o pedido do professor Xavier dizendo que o apelo feito era para que tenham um salário justo e digno de permanecer entre todos os uiraunenses, e pedia ainda aos vereadores e Prefeito, a ajuda para refazerem os seus “QUEPES” que estão estragados, visto terem recebido um fardamento novo do Sr. João Claudino Fernandes.⁶⁶

Neste trecho, também se evidencia claramente que nos anos 80 os músicos uiraunenses estavam buscando alternativas de sobrevivência em outras regiões. Nesta visita ao Poder Legislativo os maestros e músicos visavam o apoio dos vereadores para que conseguissem do Prefeito melhoria salarial.

Em seguida, há o registro do apoio solidário dos integrantes do Legislativo em prol dos músicos. Momento em que faz uso da palavra os vereadores: Francisco Enéas de Alencar que concordava com o aumento salarial dos músicos, a fim de evitar a saída de mais músicos para outras cidades, uma vez que o mesmo já tinha sido músico e sabia da dificuldade financeira, etc.; Francisco Mariano da Costa, falou do valor da música especialmente “das nossas Bandas de Músicas que se foram presentes em várias cidades dos nossos Estados

⁶⁶ Ata nº 26, 1987, fl. 195.

vizinhos (...)”⁶⁷; Maria Joaquina Vieira se mostra também solidária a causa dos músicos, e que não podia “deixar morrer o bom som das bandas de músicas da nossa cidade”⁶⁸; ainda mais três vereadores: Oliveira Francisco da Silva, Francisco Felix de Lima e José Hilton Santiago se pronunciaram falando da beleza musical.

Rapidamente o problema foi moderado, na reunião seguinte o vereador José Jailsom Nogueira – Presidente da Câmara Legislativa: “Casa Olinto Pinheiro” informou aos companheiros que após conversa com o Prefeito Dr. Geraldo Nogueira de Almeida⁶⁹ ficou sabendo que o aumento salarial ia variar de:

50 a 110 por cento para todos os funcionários exceto o dos músicos que chegou até 400%; sendo que cada músico vai receber CR\$ 600,00 e os maestros CR\$ 1. 000,00 (um mil cruzados) cada, e que o salário de família passará a ser CR\$ 130,00; de maneira que todos ficaram contentes, pois a partir de janeiro teriam outro aumento (ATA nº 29, 13/ 11/ 1987, fl. 197).

Fica explícito o grande diferencial do aumento salarial dos maestros e dos músicos em relação aos outros funcionários. Este incentivo também favorece o aumento do número de indivíduos interessarem-se por música, visto que o salário do músico era satisfatório se comparar com os demais funcionários.

Os músicos estavam nesta época constituindo uma representatividade de um relevante saber musical e ao mesmo tempo constituíam também num poder de uma prática que precisava ser valorizada pelas instâncias dos poderes: Legislativo e Executivo.

3.2 Dedé de Capitão: a vivência de um músico

“A música eleva os sentimentos mais profundos do ser humano” (Maria Joaquina)

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Prefeito de Uiraúna durante dois mandatos, o primeiro mandato de 1983 a 1988 e o segundo de 1997 a 2000.

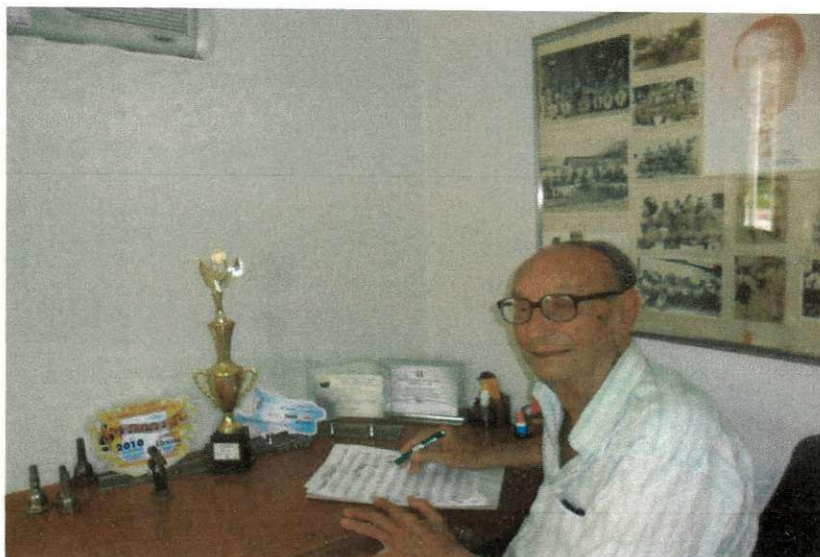


Foto 07 – Dedé de Capitão – foi músico e maestro da “Banda de Música Jesus Maria e José” entre os anos de 1957 a 2000, como músico de 1930 a 2000. Fonte: Arquivo Pessoal, maio, 2011.

Nesta fotografia, o ex-músico e ex- maestro Dedé de Capitão está no interior de sua residência, especificamente num quarto climatizado. Cujos quartos, tem entrada na área de chegada e também através do quarto do casal (ele e esposa). Esse quarto climatizado é o espaço onde se encontra o acervo relacionado à sua vivência musical. O documento que está sob suas mãos é a cópia da música de sua autoria dedicada a sua esposa. Observamos diversos objetos no birô de madeira: três instrumentos de bronze em miniatura, uma miniatura de um homem com um instrumento de sopro, um troféu e quatro placas que registram as homenagens lhe conferidas.

As duas primeiras placas foram homenagens do ano de 2009 e 2010 da Prefeitura Municipal de Uiraúna concedida ao mesmo e as outras duas placas não estão visíveis. Na parede a exposição de um quadro revestido de vidro apresentando diversas imagens de seu Dedé de Capitão⁷⁰, em vários momentos diferentes com integrantes da Banda de Música por exemplo.

Dedé de Capitão detentor de seus 94 anos é o terceiro filho do Capitão Israel Gomes da Silveira e Maria Fernandes da Silveira nasceu em Uiraúna, no dia 1º de março de 1917. Por deslize do pai ficou sem o sobrenome “Silveira”. Esta família era composta por sete filhos: Manoel Israel, Antônio César, Misael Gomes, Espedito Gomes, Israel Gomes, dentre eles

⁷⁰ Capitão neste caso não é patente, mas foi apelido colocado no seu pai quando ainda era garoto, o qual ficou conhecido por Capitão Israel. Seus filhos também passaram a serem conhecidos por este nome. Ou seja, pela referência: “os filhos de Capitão Israel”.

havia apenas uma irmã Francisca F. da Silveira⁷¹. O pai trabalhava na agricultura e também era um comerciante requisitado, principalmente pelos bens que possuía:

A minha vida naquela época [quando criança] era muito difícil da de hoje... A gente vivia... Meu pai era comerciante e agricultor, e nós, ele botava nós tudo pra trabalhar na roça, vivia na roça. (...) no tempo de nós menino trabalhava na roça. Ele tinha umas três a quatro propriedades, não era grande, mas tinha. Nessa época também o estudo era precário... Uma escolazinha particular, a gente estudava até o... Nessa época não tinha o 1º, 2º e 3º ano. Era 1º ano de leitura, 2º ano, 3º ano de leitura. Eu sai no 3º ano de alfabeto, viu? (informação verbal).⁷²

Podemos perceber que ele e seus irmãos tiveram uma infância marcada pelo trabalho agrícola, não tinham alternativas. Os anos de estudo foram poucos... Mas os estudos musicais lhes possibilitaram outros horizontes.

Na sociedade uiraunense, essa família era reconhecida como pertencente à classe média mediante a afirmação de Dedé de Capitão relembra que seu pai “tinha um grande respeito, de modesta parte, na época ele era um dos principais daqui. Aqui não era Município e nem cidade... Ele se destacava”⁷³. Esse reconhecimento advém de sua condição financeira, pois o mesmo era comerciante e possuía propriedades de terra onde se dedicava a atividades pecuárias e agrícolas. Além dessas atividades o senhor Israel Gomes era católico dedicado, tocador (de fole de oito baixo) requisitado e era bastante interessado pela música. Esse interesse permitiu aos filhos uma vivência musical desde cedo:

Eu tinha 13 anos [quando começou estudar música e entrou na banda com esta idade] eu fui músico dessa Banda 70 anos, 43 anos como maestro. Foi um caso muito particular... Meu pai tinha muito prestígio, muito dedicado à Igreja, música, sabe? Quando o mestre chegou aqui, ele matriculou logo 2 filhos dele mais velhos, foi eu e Manuel, os dois filhos mais velhos. Eram sete, depois, na sequência entrou mais dois filhos dele. Se matriculou pra aprender as primeiras lições de música (informação verbal).⁷⁴

Ele deixa claro neste discurso que o prestígio do pai contribuiu para que ele e seus irmãos estudassem música. Ainda se percebe a oportunidade que esta família teve para aprender música em detrimento de outros. Tendo na sequência quatro membros da casa empolgados na música e ao mesmo tempo tocando na banda de música local.

⁷¹ Avó do músico Cláudio Márcio Fernandes.

⁷² Dedé de Capitão, 2011. Entrevista original e transcrita. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Ibid.

Nesta localidade de Uiraúna não existia escola pública, nem assistência médica, etc. “Era uma precariedade⁷⁵”. Período em que inexistia instituição de ensino na área de música, tendo apenas quem ensinasse de forma particular, o que dificultava para aqueles que tinham interesse pela música, mas não tinha condições financeiras para estudá-la. Nos anos 30 inexistia escola pública para o ensino regular, imagine existir escola de música gratuita.

Mas os filhos de Capitão Israel⁷⁶ tiveram incentivos, oportunidade para estudar e fazerem parte da “Banda de Música Jesus Maria e José”. Dentre os sete irmãos já citados, seis fizeram parte desta Banda, sendo que quatro foram também maestro da mesma:

De sete irmãos, quatro tomou [sic] conta da Banda, viu? Manuel Israel, Israel Gomes foi mestre da Banda, eu e Espedito. Espedito e eu por derradeiro. Quatro de irmandade passou por esta Banda. Manuel passou 13 anos mestre da Banda; Espedito 02 anos, Misael passou três anos mestre da banda... foi embora. Espedito 10 anos [mestre] da banda, foi embora (informação verbal).⁷⁷

Em seguida o músico Dedé de Capitão detalha sobre sua participação e de seus irmãos na Banda, enfatizando que seu irmão Cezar é um bom músico:

Cezar já era músico bom, mas era alfaiate. (...) aí melhorou o negócio, né? Tinha uma alfaiataria e uma camisaria, mas, César não fez parte do exército... era músico tinindo, ele fez parte de uma Orquestra campinense não era músico do exército, não, ele era músico, era... (informação verbal).⁷⁸

Este músico foi morar na cidade de Campina Grande, fez parte da orquestra campinense, colocou uma alfaiataria e uma camisaria com as quais obteve êxito a ponto de levar seus irmãos para ajudá-lo. Sendo a oportunidade de Espedito, que deixou a maestria da banda local. Momento que o músico Dedé de Capitão estava trabalhando como sargento da polícia militar de João Pessoa veio tomar conta da mesma. “Aí nessa época que ele deixou eu tava na polícia, aí dei baixa, vim praqui. Aí tomei conta da Banda até 2000”. Vale frisar que o músico Dedé de Capitão ingressou no Exército em João Pessoa no ano de 1944, clima da Segunda Guerra Mundial, estava ele no décimo quinto Batalhão de Infantaria como músico. Em 1946 tinha saído do Exército e estava servindo à polícia militar da Paraíba também como músico, na categoria de terceiro sargento

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Apelido de Israel Gomes da Silveira, ver na íntegra da entrevista original, gravada e transcrita com o músico José Gomes/ Dedé de Capitão, Anexo- C, p. 84.

⁷⁷ Ibid.

Sua vinda para tomar conta da Banda é contraditória, pois de acordo com a entrevista Ele fala das dificuldades financeiras que os integrantes da banda vivenciavam, o mesmo deixa o trabalho na policia militar para vim reger a banda.

Ele acrescenta a devoção, respeito e dedicação dessa Banda de Música para com a Igreja Jesus Maria e José, mesmo após da desvinculação da mesma:



Foto 08- Banda de Música Jesus Maria e José no patamar do templo da Igreja Jesus Maria e José, Uiraúna/PB. Fonte: WWW.uiraúna.net

A Banda tinha a dedicação e o respeito... e, e, e, e a devoção! Tudo, tudo era completo... A Banda na época em que os instrumentários eram da Igreja, a Banda ainda era mais dedicada... A convivência da Banda com a Igreja. Os componentes da Banda eram mais ou menos unidos, era. Se tivesse alguma divergência, eu quem aconselhava, conversava com eles. Havia pouca divergência...

Hoje a mesma coisa... Sempre quando a Banda ia tocar fora, qualquer hora que voltasse... é de noite, de madrugada, pela manhã... Qualquer hora, já entrava na cidade tocando... Indo diretamente para o patamar da Igreja... É em forma de gratidão, de agradecimento a Deus pelo sucesso. Hoje ainda é a mesma coisa, qualquer tocata finaliza no patamar da Igreja... A Igreja Jesus Maria José (informação verbal).⁷⁹

Além de agricultor, músico e comerciante, o mesmo exerceu o mandato de vereador no ano de 1968 sem remuneração! E exerceu também o mandato de vice-prefeito⁸⁰ na década de 70. Relembra alguns aspectos da sociedade uiraunense apontando o menor número de

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Este mandato foi exercido no ano de 1973- 1976 juntamente com o Prefeito Dr. Manoel Nogueira Neto. Os quais conseguiram ganhar a eleição com 3.402. Ver na galeria dos Prefeitos de Uiraúna. Revista Uiraúna, p. 05, dez. de 2003; revista Leia FELC, maio de 2011.

peças, a presença de uma única instituição religiosa na cidade e ao mesmo tempo expõem que nestes anos estava aparecendo pessoas de outro seguimento religioso. Assim ele comenta sobre esta sociedade:

Quando eu era vice-prefeito nos anos 70, a sociedade... Os uiraunenses era mais religioso porque tinha menos gente... Só tinha uma igreja mesmo..., não existia outra igreja mesmo, a não ser a Igreja Católica... Mas agora é diferente... Só no Uiraúna, eu to sabendo, existe 07 capelas de crente, né? Nesse tempo todos era da Igreja [Católica], nesse tempo não tinha outra igreja, não... Hoje tem muitas capelas aí... Crentes, né? Hoje existe de tudo. Portanto, só existia católicos naquela época, hoje existem muitos outros (informação verbal).⁸¹

Diante da posição social que o mesmo estava ocupando não conseguiu recursos para a Banda de Música Jesus Maria e José, experiência que ele lamenta enfatizando a dificuldade de acesso aos recursos públicos na época.

E a temporada que passei como vice-prefeito não melhorou nada pra Banda de música... Nunca consegui nada pra Banda. (...) nunca arranjei algum benefício pra Banda, nada. Os colegas pedia [*sic*] pra arrumar algum benefício pra banda, mas nunca consegui nada. O Prefeito, eu pedia alguma coisa a ele, mas a situação... ele dizia: vamos aguardar... E o tempo ia se passando e não recebia nada. Era muito precário naquela época... Até pra receber o ordenado era um sacrifício (informação verbal).⁸²

Como político, o Sr. Dedé não teve condição de contribuir com a Banda a que pertencia, mas como músico, cada um dava a sua parcela. Pois a media que participavam de concursos ou saiam para tocar, eles divulgavam o trabalho da Banda. Ela ia se tornando conhecida, ganhando conceito e convidada para tocar fora participando de concursos logrando êxitos e isto a Banda obtinha maior destaque:

Ainda hoje essa Banda continua com certo conceito. Ela é uma das bandas daqui da região que tem um privilégio é a única banda que sai pra tocar fora aqui é ela. Eu submeti a três concursos, um em Campina Grande... é..., nós tiramos em 2º lugar; outro em João Pessoa, também tirei em 2º lugar; outro em Sousa tirei em 1º lugar. O concurso em Campina Grande foi uma empresa de São Paulo... Uma, uma firma Argo Industrial de São Paulo. (...) Em João Pessoa foi a promoção da Secretaria de Turismo. Já em Campina Grande foi desse estudante, povo de medicina..., quando ta fazendo medicina como chama...? Faculdade, mas não ganhamos nada. Disseram que iam dá um agrado em dinheiro e nada. Ainda procurei depois... Nos enganaram, ficavam jogando pra um, pra outro, ficou por isso mesmo... Eles não tinham dinheiro mesmo. Mas ganhamos a divulgação de nossa banda e da nossa cidade... Depois desses concursos apareciam muitos convites pra tocata, ganhamos destaque... A banda ficou conhecida foi bom!(informação verbal).⁸³

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

⁸³ Ibid.

Uma vez que a Banda ficava reconhecida, a cidade também ganhava esse reconhecimento, pois por onde ela passava perguntavam de onde era. E quando se apresentavam como uiraunenses, cuidavam em revelar a importância da cidade e de sua vivência nela:

Os benefícios... Eu acho, os benefícios que a Banda trouxe pra Uiraúna foi fazer divulgação. Pra onde ia fazia a divulgação da terra, da cidade. Quando nós se apresentava em outras cidades, perguntavam: donde é essa banda? A gente fazia divulgação da importância da, da convivência da gente na cidade... era isso. A cidade não era falada, conhecida. Dar conhecimento, não é? Fazer com que o mundo conhecesse a cidade, desse nome (informação verbal).⁸⁴

Em sua percepção este trabalho foi muito importante para o desenvolvimento desta cidade, pois quando a Banda surgiu, Uiraúna ainda não era cidade, segundo o músico Dedé quando diz:

O músico surgiu antes daqui ser cidade..., muitos anos praqui ser cidade. Já Luís Gomes era cidade e aqui não era. E então a gente dava divulgação, vice? Dizia que a banda era de Uiraúna... era Belém, né? Belém de São João do Rio do Peixe. Hoje é Uiraúna... (informação verbal).⁸⁵

E como qualquer cidade em seu surgimento, Uiraúna continha uma população bem menor que a atual, isso é óbvio, pois ela vai crescendo junto com o desenvolvimento da cidade. As condições de sobrevivência não eram tão fáceis, pode-se perceber isso na fala deste músico:

Ah! A cidade de Uiraúna naquele tempo, dos anos 70... Tudo era mais fraco... Era menos transporte, menos gente, o comércio mais fraco... Tudo era difícil, tudo era resumido. Hoje não, tudo é mais desenvolvido, né? Hoje tem uma população maior, hoje tem mais renda, tem mais transporte, tem mais como é que se diz? Tem mais possibilidade de ter um bom desenvolvimento, né? Estrada não tinha... A estrada era estrada carroçal, né? Tudo era mais difícil... (informação verbal).⁸⁶

Concernente a isto, Maria Joaquina acrescenta que nesta cidade dos anos 70 existia animais soltos, rua suja e a maioria sem calçamento; a presença constante de mendigo pedindo almoço, janta, etc. O que tinha de atração era a Banda de Música Jesus Maria e José.

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Ibid.

Em se tratando da Banda de Música, sair para tocar fora da cidade começa-se a perceber que a sua finalidade não era tocar apenas na igreja, mas em qualquer evento que envolvesse a música:

A escola de música tinha outras finalidades... Banda de Música não tocava só pra Igreja... Servia pra outras coisas né? Que tivesse essa finalidade de música, né? Pra Igreja, pra o carnaval, pra o São João na Roça... Pra todas essas, essas finalidades. Não era só pra uma coisa não... A música era uma coisa assim... como é que se diz... Era como um lazer. A música viu? Na minha época não era uma coisa de profissão [tom da voz devagar]... Nos anos 50, 60, 70, é. Já hoje não, o camarada quer aprender música pra fazer concurso pra o exército, pra política. No meu tempo tudo era as tocatas particular, viu? Tocata particular numa festa de igreja, contratado, qualquer festa que houvesse né? Não era como hoje... (informação verbal).⁸⁷

Certamente, não dava para tocar só para a igreja. Precisavam aproveitar as oportunidades que surgiam devido às dificuldades de emprego na época:

O comércio e a música serviram pra manter minha casa, pra formar meus filhos, graças a Deus. Com esse ordenadinho de música e comércio. A agricultura também, eu plantava era... Nessa época plantava, tinha umas propriedades... Plantava algodão também. Tudo ajudava viu? Era uma misturada... [riso]. Hoje não, hoje é mais fácil acesso a emprego... Naquela época não, o emprego era mais difícil. Só um meu irmão conseguiu um emprego do Estado, chegou a ser agente fiscal, um até coletor. Os outros não, e o outro foi até coletor... Era a mesma luta minha. Os outros foram trabalhar em alfaiate, eu não, fui trabalhar em comércio (informação verbal).⁸⁸

Conclui-se que esses músicos integrantes dessa Banda de Música não tocavam apenas por uma devoção religiosa, mas porque precisavam sobreviver. Pois os músicos exerciam uma profissão e recebiam por ela, mesmo que não fosse o suficiente para manter a família e ser preciso buscar outros meios, o comércio, por exemplo.

O maestro Dedé⁸⁹ define ser músico como:

Ser músico é arranjar uma profissão... É arranjar uma profissão, ter a alternativa de entrar... como é... de fazer concurso pra o exército, pra polícia, pra Aeronáutica... né? Então é arranjar uma profissão. Quando eu comecei a ser músico tinha esse mesmo significado (informação verbal).⁹⁰

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Casou com Antônia Salette Fernandes no ano de 1951 constituíra uma prole numerosa formando todos, a saber: Fátima – bancária aposentada; Saliege – professor e músico; Lourdes e Juliet - enfermeiras; Leonia – professora; Liane – engenheira e auditora do Estado da Paraíba; Netinha – médica e Paulo Sérgio- farmacêutico e Capitão do Exército em João Pessoa.

⁹⁰ Dedé de Capitão, 2011. Entrevista original e transcrita. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

Por outro lado ele define o ser músico como “vocação” e “dom”

Pra mim, ser músico   uma voca o... Ser músico   um dom também, viu? Nem todo mundo consegue ser músico. Matrícula 50 alunos, quando termina, cinco, seis alunos. Quer dizer, quer dizer que a maior parte não tem voca o. Vai ficar quem teve voca o, facilidade de ter entusiasmo naquela voca o (informa o verbal).⁹¹

Esse músico fala dos músicos atuais, o que não se distancia muito das defini es que ele usa para esse termo, embora priorize a primeira defini o, ou seja, a necessidade de se ter um emprego:

Hoje, uns são músicos por voca o e outros são visionários. Muita margem, visão de dinheiro. Tem deles que faz parte são   pra ganhar o dinheiro... Convide pra uma tocata de graça que eles não vão. Eles não vão... São v o por dinheiro. Têm outros que tocam de graça... Eu tocava de todo o jeito, de graça,   maior parte era de graça. Eu e todo o grup o... Na minha administra o, toda a banda me acompanhavam (informa o verbal).⁹²

V e-se que profissão e voca o se misturam nas falas desse músico, pois apesar de citar o “ser músico” como uma profissão, ele expressa com imenso prazer a sua participa o na Banda, na condi o, principalmente, de maestro. Apesar de ganhar como um simples componente:

Eu ficava satisfeito quando falavam no meu nome..., como maestro da Banda, porque tinha esse destaque, num era? Sobre o remunerado, não tinha nada... Era do mesmo jeito, do jeito dos outros... Somente o valor de ter aquela personalidade, n e? Tinha aquela validade, maestro, tal... (informa o verbal).⁹³

O que não condiz com essa mesma igualdade salarial nos anos 80, pois em 1987 houve um imenso aumento salarial para músico e maestro de forma desigual de maneira que o músico iria ganhar 600 cruzados e os maestros 1.000 (um mil cruzados). Equivalendo 400 cruzados a mais do que o s l rio do músico.

Sua dedica o pela música   forte, mesmo já estando fora de suas atividades, enquanto músico, ele afirma afinidade pela Banda “Aqui tem outras bandas, mas eu gosto desta”. E recebe um grande reconhecimento da mesma. Sendo muito respeitado pelos que atualmente a compõe:

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

⁹³ Ibid.

Quando eu sai da Banda, graças a Deus fui bem sucedido, houve reunião... Solenidade, né? Hoje eu sou respeitado por eles todos da Banda. Não passam uma tocata pra eles não vim aqui. O respeito pela minha participação na Banda... Entreguei a Banda na harmonia... Tudo na paz, não houve novela. Todos mim [*sic*] respeitam, graças a Deus... Enfim, o meu prazer é ver a banda de música sempre... Sempre evoluindo, né? O meu prazer é esse... (informação verbal).⁹⁴

Mediante o exposto, percebe-se que a sua fala está a todo tempo relacionando a sua experiência de vida à cidade. Na cidade havia dificuldades diversas e a Banda de Música também enfrentava momentos precários. A mesma estava se organizando, criando a SODAU no início dos anos 70, quando o padre Antônio Anacleto recolheu os instrumentos da banda que pertencia à Igreja Jesus Maria e José.

Mas durante toda a sua vivência como músico, Dedé de Capitão não compôs música, porém, após a entrega da Banda, o mesmo compôs uma valsa denominada: Salete Fernandes em homenagem a sua esposa Antônia Salete Fernandes. Valsa esta que é tocada em várias bandas de música. No ano de 2010 a banda de música do 15º Batalhão de Infantaria do Exército da Paraíba executou essa valsa na sede do Batalhão na capital João Pessoa. Evento que lhe marcou bastante, pois naquela filarmônica, ele já havia sido músico.

Então a música na vida da “família Capitão” vivenciada na cidade de Uiraúna, reforça o argumento que os uiraunenses atribuem a esta cidade como “Terra dos Músicos”.

⁹⁴ Ibid.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos ao longo deste estudo, a imagem construída para a cidade de Uiraúna, no tocante as representações discursivas de uma “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” estão associadas principalmente a legitimação e aos discursos de uiraunenses.

Os uiraunenses procuram esclarecer que esta cidade obtém essa identificação mediante o imenso número de jovens terem se formado ao consagrado sacerdócio. Verificamos também que um considerado número de padres uiraunenses de outrora advinha dentre outros argumentos, do “valor” que os pais de família projetavam na figura do padre. As famílias incentivavam os filhos seguirem o sacerdócio mostrando que “ser padre era uma coisa boa” (informação verbal).⁹⁵

Além disso, a família do padre era vista pela sociedade uiraunense como: “uma família santa, família nobre” (informação verbal).⁹⁶ Acrescenta-se a isso as articulações oriundas dos representantes da Igreja Católica na pessoa do pároco local, principalmente o Pe. Antônio Anacleto considerando como um grande incentivador da vocação sacerdotal.

Por sua vez, a cidade foi se constituindo discursivamente como uma “Uiraúna do Sacerdote” e também como uma “Uiraúna da Música”. Estas representações ganharam legitimidade nos anos 70, época em que o Poder Público Municipal decidiu criar os símbolos que representassem as peculiaridades municipais. Desta feita, a Bandeira municipal foi criada com o *slogan* mostrando esta cidade como “Berço Sacerdotal” e indício sinalizador da musicalidade marcado por uma “clave de sol”.

Constata-se também que a “vocação sacerdotal e a vocação musical” desabrochadas nos uiraunenses, são atribuições constituídas ao longo dos anos numa dada realidade. O que não tem nada a ver com dom ou com algo inato, mas, que fazem parte de todo um contexto político, econômico, religioso, cultural, familiar, etc. permeados de interesses afins e das influências entre famílias. Tudo isto relacionado a reprodução do *habitus*, imputada a vivência cotidiana, em que se percebe os comportamentos, as ações dos sujeitos, as influências e as relações de concorrências, bem como o acesso a capitais culturais.

Observa-se que a maioria dos indivíduos participantes da “Revista Uiraúna” procuram sempre manter válidos os discursos e representações de uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos

⁹⁵ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

⁹⁶ Ibid.

Músicos” por questão particular. Temos visto por exemplo, a atuação da atual vereadora Maria Joaquina constrói o discurso sobre Uiraúna relacionando-a ao padre e ao músico.

Podemos destacar ainda dois aspectos evidenciados mediante a entrevista com a mesma: ela é família de padres e fica satisfeita com essas construções sobre Uiraúna:

Lá na Quixaba era demais... Lá a tradição religiosa era forte, era mais só uma família. Depois quando vai vindo aquela geração... Aí vai mudando, vai casando com outras pessoas diferentes, né? Já hoje tem uma mistura muito grande. (...) Uiraúna, a base de Uiraúna nasceu na Quixaba. Porque foi lá na Quixaba que nasceu 38 padres, todos da família da gente. Tinha um padre que era tio legítimo de minha mãe era Cônego Bernardino... Tem até a estátua dele em Ingá. Aí tinha Cônego Oriel..., o, o, o pai dele era irmão do meu avô. Eu por ser família de padres, fico gratificante, quando dizem que Uiraúna é a Terra dos Sacerdotes. Ter uma terra, como se diz, que se chama de Sacerdote, né? Sacerdote é exemplo, não é? Esta cidade não teve outras representações como terra dos sacerdotes e dos músicos (informação verbal).⁹⁷

O Padre⁹⁸ cônego Bernadino Vieira da Silva, nasceu no sítio Quixaba (atual distrito) no ano de 1873, já o cônego Oriel Antônio Fernandes nasceu em 1911 no mesmo sítio. Ordenou-se em 1938 foi pároco nesta cidade e colaborador em Patos e em Cajazeiras. Outro aspecto é a conservação dos símbolos: escudo e bandeira de Uiraúna que teve sua participação efetiva. A mesma não aceita mudar as características que ela considera como principais da cidade:

Na administração de Dr. João Bosco, Socorro Pinto, ela achou que a bandeira precisava ser modificada, devia haver reforma. Então, eu preparei uma réplica, porque se fosse modificar totalmente a bandeira... aí eu ia bater em cima. Mas não, ela tirou só as estrelas, deixou Berço Sacerdotal, aí eu achei que ela tinha razão porque se tinha nessa época 30 estrela, mas mudou. Hoje são 42, quer dizer que tinha que modificar né? Ela tirou as estrelas. A réplica, eu ia mostrar pra ela que a bandeira teria que ser aquela. (...) Mas ela não, ela, ela fez certo, eu tinha gostado porque o principal não foi tirado (informação verbal).⁹⁹

Por isto este discurso parte de uma dada realidade vivenciada por Maria Joaquina, e, como prática social se produz em prol das relações de poder.

A experiência de vida de Dedé de Capitão evidencia a atuação do músico, que além do interesse pela música instrumental, existia toda uma rede de relações que possibilitava a entrada do indivíduo na Banda de Música Jesus Maria e José. Desde o princípio percebe-se a

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ver na Revista Uiraúna, dez. de 2003, uma lista contendo a quantidade e o nome de padres com suas respectivas filiações.

⁹⁹ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

questão financeira estava mesmo que implícito foi o ponto chave para os quatro músicos cearenses incentivarem ao pároco Padre Costa criar uma banda de música para a igreja. Algo que o pároco sucessor Antônio Anacleto deu continuidade de apoio ao músico. E que nos anos 70, músicos e banda livram-se do domínio da Igreja Jesus Maria e José.

A realização deste estudo proporcionou uma compreensão das representações discursivas sobre a imagem que se construiu referente à Uiraúna, vista como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” a partir das leituras: teórica e empírica em relação ao objeto de estudo e a posição da pesquisadora.

Portanto, este estudo não pretendeu legitimar nenhum discurso e nem uma forma de representação relacionada à cidade de Uiraúna, mas objetivou tecer uma possível leitura daquilo que se diz e que se pensa da cidade de Uiraúna como *locus* do sacerdócio e da música. Que esta discussão venha possibilitar outras leituras, releituras e outros questionamentos sobre a referida cidade, também venha contribuir para o debate acadêmico acerca desta temática e referente a história local.

REFERÊNCIAS

ABREU, Wlisses Estrela de Albuquerque. De Arrojado a Belém: uma síntese histórica. *Revista Uiraúna*. 6. ed. p. 67 – 70, dez., 2008.

AROSTEGUI, Júlio. História e historiografia: os fundamentos. In.: *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Educ, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Org. Nogueira. & Cantani. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade revelada: Campina Grande entre imagens e história*. Campina Grande, UFCG, 2009.

CALVINO, ÍTALO. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainarde. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In.: *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 12ª. Ed. RJ: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FERNANDES, Geraldo Margela. Uiraúna 51 anos de Emancipação Política, 54 anos. *Revista Uiraúna*, dez. 2004.

_____. Uiraúna no contexto das idéias. *Revista Uiraúna*. 6 ed. p. 22-23, dez. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Minidicionário Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed.- Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. Ed.- SP: Loyola, 1999.

_____. *A Arqueologia do Saber*. 1960.

_____. *Vigiar e Punir*. 1987

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 3. ed.: Editora FCG/Lisboa.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In.: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JUNIOR GOODWIN, James Willian. *Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1984-1914)*. Tese de doutorado, 2007, (pp. 26-27). Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História.

LE GOFF. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Henrique Espada. Com ilpocofareti assai: a microhistória de Carlo Ginzburg. In.: *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar*/José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. __ São Paulo: Contexto, 2007.

MICELI, Paulo. Sobre história, Braudel e os Vaga-lumes. A Escola dos Annales e o Brasil (ou vice-versa). In: FFREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas, SP: 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Pedra e o Sonho: os caminhos do imaginário urbano”. In: *O imaginário da cidade: visões libertárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e Ciência*. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. História da história: civilização ocidental e sentido histórico. In.: *Teoria e história: historicismo, modernidade, tempo-realidade e verdade*. José Carlos Reis. – 3. Ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROLNIK, R. História Urbana, história da cidade? In: FERNANDES, A e GOMES, M. A. A. de F (org.). *Cidade e História*. FAU- UFBA, 1999.

WAZLAWICH, Patrícia. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia. *Revista Ciências/FAP*, Curitiba, v.1, jan./dez. 2006, p. 1-13. Disponível em: <<http://ebookbrouse.com/patricia-wazlawick.pdf-d60332271>>. Acesso em: 01. 06. 2011.

KEBACH, Patrícia Fernandes Carmem. Desenvolvimento musical: questão de herança genética ou de construção: *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 17, p. 39 – 48, set. 2007. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/revista>>. Acesso em: 01. 06. 2011.

FONTE:

GOMES, José. **José Gomes.:** Entrevista [16, 17, 28/04 e 02/05, 2011]. Entrevistadora: Maria dos Remédios da Silva. Uiraúna/Paraíba, 2011. Gravador Digital (200h: 00), transcrição, 12 laudas.

INFORMATIVO: *Com o povo rumo ao novo*. Uiraúna, dez. 1993.

LIVRO 01 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1955-1957.

LIVRO 02 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1957-1959.

LIVRO 03 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1959-1960.

LIVRO 04 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1960-1963.

LIVRO 05 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1963-1964.

LIVRO 06 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1964-1965.

LIVRO 07 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1965-1967.

LIVRO 08 -- Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1967-1968.

LIVRO 09 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1969-1972.

LIVRO 10 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1972-1974.

LIVRO 11 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1974-1979.

LIVRO 12 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1979-1983.

LIVRO 13 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro. *Uiraúna*, 1983-1987.

LIVRO DE TOMBO 01 – Diocese de Cajazeiras, 1923-1984.

LIVRO DE TOMBO 02 – Paróquia Sagrada Família. *Uiraúna*, 1970-1984.

REVISTA FELC. *Fé move Uiraúna*. 2. ed. p. 1-59, mar. 2008.

REVISTA UIRAÚNA 50 anos. *A melodia nos caminhos da fé*. 1 ed., dez. de 2003.

REVISTA UIRAÚNA. *51 anos de emancipação política*. 2 ed., dez. de 2004.

REVISTA UIRAÚNA. *A importância do passado ecoando no presente*. 3 ed., dez. 2005.

REVISTA UIRAÚNA. *O passado reflete o presente que espelha o futuro*. 4 ed., dez. 2006.

REVISTA UIRAÚNA. *Centenário do Monsenhor Manoel Vieira*. 5 ed., dez. 2007

REVISTA UIRAÚNA. *Um sinal claro de desenvolvimento*. 7 ed., dez. 2009.

VIEIRA, Maria Joaquina. **Maria Joaquina Vieira.:** Entrevista [13, 23/05/ 2011]. Entrevistadora: Maria dos Remédios da Silva. Uiraúna/Paraíba, 2011. Gravador Digital (200h: 00), transcrição, 14 laudas.

ANEXOS

ANEXOS – A: ESCRITURA DE DOAÇÃO QUE O PADRE FRANÇA E SEUS PARENTES FIZERAM PARA CONSTITUIR O PATRIMÔNIO DA SAGRADA FAMÍLIA:

Saibam quantos este público instrumento de escritura de terra, açude para o Patrimônio virem que sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e quatro (1874), aos dezessete (17) dias do mês de Agosto do dito ano, nesta Povoação de Belém da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, da Povoação de São João do Termo e Comarca da Cidade de Sousa, Província da Paraíba do Norte, onde vim a chamado do Reverendo José Joaquim de França Coitinho, e sendo ahi presentes os doadores acima mencionados, o mesmo Reverendo José Joaquim de França Coutinho, José Caetano de Galisa e sua mulher Dona Josefa Maria da Conceição, Antônio Duarte Coitinho e sua mulher Dona Josefa Joaquina da Conceição, Daniel José Duarte e sua mulher Dona Joana Maria da Conceição, Luzia Maria da Conceição, viúva, Francisco Duarte Coitinho, viúvo, Furtunato José Duarte e sua mulher Rita Maria da Conceição, Antônio Duarte Coitinho Cabôclo e sua mulher Maria Antônia do Rosário, Furtunato Antônio Duarte e sua mulher Joana Maria da Conceição, Anacleto Alves de Andrade, e sua mulher Dona Maria da Penha da Conceição, como tudo abaixo se descreve, e por ele foi dito e declarado perante mim Tabelião de Paz e as testemunhas abaixo nomeadas e no fim assinadas, depois de reconhecidos pelos próprios de que se tratam dou fé, e que de sua próprias e livres vontades doavam para Patrimônio da Capela de Jesus Maria e José, erecta nesta dita Povoação de Belém, um quadro de terra de tresentas e dez (310) braças em comum entre eles doadores inclusive açude aqui edificado, a sair; aquele terreno que no interior do mesmo açude ocupar as suas e todos os seus produtos e rendimentos; cujos limites do supro mencionado quadro de terras dados são: do primeiro marco de pedra que se acha cercado confronte a casa de Jorge Xavier de Lima, pedindo rumo de Poente a Nascente; passando logo em giro certo no canto da capela do lado do Poente, saindo a dar cento e dez braças em umas areias brancas na porta de Julião Antônio Marinho, onde deixaram eles doadores colocado convencionalmente um outro marco de pedra, e desta seguiram rumo o Norte, em procura do açude de pedra, digo passando a linha divisória no oitão da casa de Manuel Francisco de Lima, no interior desta Povoação, vindo a completar as cem (100) braças a margem do referido açude dentro d'água, onde fora com terreno seco, deixaram colocado outro marco de pedra, seguindo, mais d'aquele primeiro marco a mesma

linha, um marco para o norte, passando pela porta trazeira da casa do Capitão José Fernandes Moreira, indo a completar outras cem (100) braças confronte ao engenho velho a margem do sangrador do sobredito açude, onde marcaram outro marco de pedra; declarando eles doadores, ali acha-se completo e preenchido o referido quadro do mencionado Patrimônio cercado, e toda a doação no valor de 300\$000 (trezentos mil réis), declararam mais eles doadores, ter sido esta terra doada ao mesmo Patrimônio e o mesmo açude ser na data João Nunes, no mesmo Termo de cidade de Sousa, estas partes de terras em comunhão entre eles, desmembrada de várias partes de terras por eles doadores em comum com os mais herdeiros por eles possuídas livres e desembaraçadas de qualquer ônus ou hipoteca, e que doam como de fato doadas ficam de hoje para sempre, e sujeita a dizer nacional, e tudo cientico e interesses do sobredito Patrimônio desta Capela Jesus Maria e José. Disseram mais eles doadores que por suas pessoas e bens se obrigaram a todo tempo fazerem esta doação boa firme e valiosa e a defenderem o sobredito Patrimônio quando eles a respeito dela o chamar autoria. E presentes os mesmos doadores e suas mulheres e por eles foi dito e designado perante mim e as testemunhas que eles confirmam e asseguram o mesmo Patrimônio do mesmo modo que aqui se acham escrito e declarado e me apresentaram o conhecimento em forma de pagamento da sisa de transmissão do teor seguinte: a fls primeiro e livro de receita, fica carregado do Coletor Vicente de Sousa Nazarete, a quantia de dezoito mil réis que me entregou o Reverendíssimo Senhor José Joaquim de França Coitinho pela sisa de transmissão correspondente a trezentos mil reis proveniente do mesmo Reverendo Padre França, José Caetano de Galisa e sua mulher e outros fizeram doação de uma de Antonio Duarte Coitinho Caboclo e sua mulher, Manuel Joaquim Duarte, de Joana Maria da Conceição, Francisco Bento Coitinho e de Maria da Penha da Conceição, Belarmino de Almeida Cavalcante. Eu Joaquim Bezerra Cavalcante Junior, Tabelião Público de Paz e notas, e escrevi e assino, de meu sinal público de que uso. Em testemunho da verdade. Joaquim Cavalcante Junior = O Tabelião Público de Paz, Joaquim Bezerra Cavalcante Junior, Padre Joaquim José de França Coitinho, José Caetano de Galisa = Arrôgo de Josefa Maria da Conceição, Agostinho Lopes Antunes, Antônio Duarte Coitinho, arrogo de Dona Maria da Conceição, Ana Maria da Conceição, Manuel Matias Mair, Dorival José Duarte, arrogo de Joana Maria da Conceição, Manuel Matias de (...) arrogo de Lusía Maria da Conceição, Agostinho Lopes da Antunes = Francisco Duarte Coitinho = Furtunato José Duarte = arrogo de Antônio Duarte Coitinho Cabôclo = Manuel Gerônimo Duarte arrogo de Maria Antonia do Rosario o mesmo Duarte = Anacleto Alves de Andrades = arrogo de Maria da Penha da Conceição = Berlamino Almeida

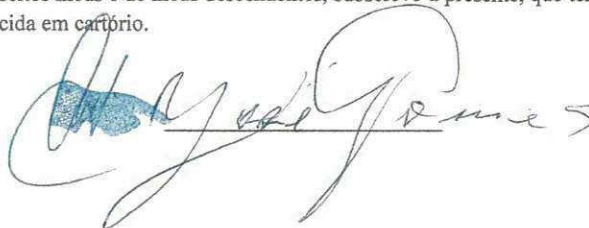
Cavalcante = Em tempo arrego de Joana Maria da Conceição = Francisco Dias Bento Coitinho [*sic*] (REVISTA UIRAÚNA, 2008, p. 69)

ANEXO – B: CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DA ENTREVISTA COM JOSÉ GOMES.

Uiraúna, 30 de julho de 2011

Eu, **José Gomes**, casado, RG: 221 610 SSP/PB, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada, para leitura (16,17, 28/04 e 02/05 de 2011) para Maria dos Remédios da Silva usa-la integralmente ou em parte, desde a presente data, sem restrições de prazos e citações. Da mesma forma, autorizo a terceiros a le-la e usa-la integralmente ou em partes, fazer citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Formação de Professores/Unidade Acadêmica de Ciências Sociais que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.



José Gomes

| | |
|--|--|
| INDUSTRIAÇÃO NOMINATO SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL Rua Ezequiel de Azevedo, 176 Uiraúna-PB - Fone: (53) 3534.2528 | RECONHECIMENTO DE FIRMA Reconhecimento por <input checked="" type="checkbox"/> semelhança <input type="checkbox"/> autenticidade a(s) firma(s) <u>José Gomes</u> Doc. nº. _____ Uiraúna-PB, <u>30</u> de <u>Julho</u> de <u>2011</u> Em Teste () da veracidade <u>Glauber Marcio Fernandes</u> SUBSTITUTO |
| | |

**ANEXO – C: PARTE DA ENTREVISTA ORIGINAL E TRANCRITA NA ÍNTEGRA:
MÚSICO JOSÉ GOMES/DEDÉ DE CAPITÃO.**

Meu nome completo é somente José Gomes [esposa diz: da Silveira, não?]. José Gomes, somente... Fui registrado somente por José Gomes. Passei muito tempo, mas o nome de nossa família é Silveira, viu? Mas fui pra o Exército, fui requisitado para o Exército e aí só tava por José Gomes, aí registrei por José Gomes, somente. Meu nome ficou somente por José Gomes [tom triste]. Meu nome é registrado José Gomes para todos os efeitos; todos os meus documentos é José Gomes. É Identidade [esposa: e CPF].

Meu pai... Meu pai chamava Israel Gomes da Silveira e minha mãe Maria Fernandes da Silveira. Eu perdi o Silveira porque meu pai não registrou, não botou Silveira. Aí quando fui convocado, fui requisitado, fui tirar o documento pra ir para o exército, só tava por José Gomes. Aí ficou por José Gomes até hoje. Meu pai era... Era agricultor e comerciante, meu pai... Também continuei no mesmo ramo dele: agricultor e comerciante. Depois que mim casei, fui comerciar. Desde garoto agricultor, depois passei para o exército, mim casei, fui comerciante...

Meus pais tiveram sete filhos, seis homens e uma mulher... Sei o nome deles tudinho: a mais velha era mulher, chamava-se Francisca da Silveira- ele nasceu em 1909; o segundo Manuel Israel da Silveira, nasceu em 1913; o terceiro José Gomes... Sou eu, nasci em 1917; o quarto Antônio José Gomes da Silveira, 1918, ainda é vivo ainda - vai completar 93 anos; o quinto é... Israel, Israel Gomes da Silveira, esse morreu com 60 anos no estado do Paraná... Maringar. Morreu daquelas doenças. O sexto, Israel Gomes Filho; e o caçulo, vai completar 83 anos - Espedito Gomes da Silveira mora em Campina Grande. Três moram em Campina Grande, moram Israel, César e Espedito moram em Campina Grande.

Meu pai era agricultor e comerciante; eu também continuei o mesmo ramo dele: agricultor e comerciante desde garoto, depois fui para o Exército. Depois me casei, fui comerciante.

Eu me casei em 1951, eu com 34 anos e ela com 20... Eu me casei com 34 anos e ela com 20 anos. Este ano nós completa 60 anos de casados. Não é de ouro, de ouro não? Vamos completar 60 anos em novembro [riso].

O meu comércio era calçado..., meu pai? Meu pai, era tecido, era..., ele comprava em Fortaleza, ele mesmo que ia pra lá, trazia de trem até São João de Rio do Peixe, pra cá trazia de burro, de animal...

Meu pai tinha um apelido de Capitão Israel, por isso nós somos conhecidos aqui como filhos de Capitão Israel. É Dedé de Capitão, Expedito de Capitão... Esse nome de Capitão não foi porque existia antigamente uma autoridade, comprava o título de Capitão, de Tenente, de Alferes, mas, papai não, pai foi um apelido que botaram nele quando menino. Esse apelido ficou e, até mesmo no comércio dele assinava como Capitão Israel. Ele tinha um grande respeito, de modesta parte, na época ele era um dos principais daqui. Aqui não era Município e nem cidade. Ele se destacava. [chega uma filha e ele apresenta: aqui é minha filha... é médica ela]. Tenho oito filhos, graças a Deus, todos são formados.

Minha mãe! A origem de minha mãe é Quixaba, é uma família muito grande. Tem até um povoado chamado Quixaba, né? Todo Quixaba é Fernandes, mas, a procedência da família é conhecida pela família Quixaba. Meu pai era de São Francisco do Rio Grande do Norte, meu pai era do Rio Grande, aqui, Major Sales, você já ouviu falar de Major Sales? Meu pai é procedente de lá a família dele todinha.

A minha vida naquela época [quando criança] era muito diferente da de hoje... a gente vivia... Meu pai era comerciante e agricultor e nós, ele botava nós tudo pra trabalhar na roça. Vivia na roça, no tempo de nós menino trabalhava na roça. Até ele morrer vivia pra trabalhar na roça. Ele tinha umas três a quatro propriedades, não era grande, mas tinha. Umas três a quatro propriedades...

Nessa época também tudo era precário... Uma escolazinha particular, a gente estudava até o... Nessa época não tinha 1º, 2º e 3º ano. Era o primeiro ano de leitura, segundo ano, terceiro ano de leitura. Eu sai no terceiro ano de alfabeto, viu? Se fosse hoje, era o primário viu? Era o primário que podia fazer. Comecei a estudar com 10, comecei a estudar com dez anos até 15 anos. As escolas na época tudo era particular, só estudava quem tinha condição, era, era a verdade. Os pobres não tinham condição, não chegava nem perto.

Naquela época tudo era diferente, como diz a história é o tempo do carro de boi [sorrir]. Não existia nem automóvel... Carro, carro já veio chegar em 1929. O primeiro carro que chegou andou aqui na região. Quando começou papai tinha um carro 29. Quando começou papai tinha um carro, um automóvel.

Sim, eu casei... Do namoro ao casamento foi um ano [riso da esposa], foi um ano. Com seis meses de namoro mais ou menos sete meses eu pedi ela em casamento. [esposa

ele já estava um rapaz valho, eu também, já tava com 20 anos, né?]. É naquela época... [esposa: ele foi o meu primeiro namorado (riso), quando ele chegou, com oito dias eu conversei com ele. Com uma semana, ele se declarou que estava gostando de mim] Eu era namorador... A única moça que namorei mesmo foi com ela [riso de ambos], nunca namorei sério com ninguém. Já casei com 34 anos de idade, era namorador, era... É tanto que quando eu tava noivo com ela, a família dela dizia: mas tu vai casar com esse caduco! ...como era? Com um rapaz velho! Era dizia.

Hoje uma moça com 30 anos é brota, também é brota. Ta tudo diferente... A avó dela era tão exigente que foi pra Cajazeiras tirar a licença pra gente casar. Foi falar com o Bispo, o Bispo era Dom Moisés Coelho, eu não sei pra que era, parece que era o batistério dela. Aqui era um sobrado. Essa casa é muito antiga, é dos pais dela, aqui era um sobrado, foi no tempo do pai dela viu? Reformado. A casa de meus pais fica no centro [rua da praça principal], ainda hoje tem a nossa casa... Ela é onde Saliégio mora, meu filho. Nunca morei na Quixaba, sempre morei aqui, na Rua Capitão Israel.

Ali era um engenho, sítio de cana... Papai tinha um sítio de cana... tinha moagem dois a três meses. Ele [pai] plantava tudo... Era plantio de lavoura, né? Milho, feijão, arroz e tinha um sítio de cana [continuamente bate as mãos].

Eu comecei a ser músico em 1930, essa Banda, essa banda aí foi fundada em 1914, quando foi em 1927 extinguiu, acabou-se a banda. Agora eu vou lhe dizer o motivo: naquela época só podia ser músico, jovem, solteiro. Os jovens iam se casando e iam deixando a Banda, e quando foi em 1927 a Banda parou. Eu não sei por que, porque não tinha renda, né? Não podiam fazer parte... Ia deixando, até que acabou-se a Banda. Ela passou 27, 28, 29 e 30, quando foi 1930...

Eu sou da restauração da Banda, aí veio o padre... Esse padre achou por bem convocar a sociedade pra renovar a Banda, voltar a Banda para funcionar. Aí então, foi bem sucedido sabe? Criaram uma sociedade em 1930, contrataram um mestre, o mestre era [professor de música] até de Sousa, mestre Misael Gadelha, aí houve a restauração. De 1930 pra cá, nunca mais acabou-se.

Quando a Banda extinguiu, ah... O povo sentiu falta quando aparecia uma festa precisava contratar banda de música de fora [esposa: festa, festa da Padroeira; festa não se faz com, com banda, com música?]

[Ele] era, era... Com a restauração era uma bandinha pequena. Padre Antônio Anacleto... Ele foi da restauração, até a banda que foi criada tem aí na história [um relato sobre a banda, ele diz que é a história da mesma, o qual me entregou um relato], chamada

Correia, é... Costa Correia, foi padre, foi padre, Padre Anacleto que mudou o nome, viu? A Banda da fundação Costa Correia, depois da restauração ficou por Jesus Maria José até hoje. Quando foi criada na fundação era Costa Correea, aí na restauração, o Padre Anacleto botou Jesus Maria José até hoje. Quando foi criada era Costa Correia, quando foi na restauração aí o Padre Anacleto butou Jesus Maria José.

Eu tinha 13 anos [quando começou estudar música e entrou na banda com esta idade] eu fui músico dessa Banda 70 anos, 43 anos como maestro. Foi um caso muito particular... Meu pai tinha muito prestígio, muito dedicado à Igreja, música, sabe? Quando o mestre chegou aqui, ele matriculou logo 2 filhos dele mais velhos, foi eu e Manuel, os dois filhos mais velhos. Eram sete, depois, na seqüência entrou mais dois filhos dele. Se matriculou pra aprender as primeiras lições de música.

Esta banda continua na gestão deste mestre três anos, sabe? Foi 1930. Aí em 1932 houve uma seca aqui... aí acabou-se... A Diretoria não podia mais pagar porque a seca acabou com tudo, num sabe? Agora quando foi em 33 [1933], já meu irmão mais velho foi quem tomou conta da Banda. Meu irmão era um dos mais inteligentes, aí ele tomou conta da Banda.

De sete irmãos, quatro tomou conta da Banda, viu? Manuel Israel, Israel foi mestre da Banda, eu e Espedito. Espedito e eu por derradeiro. Quatro de irmandade passou por esta Banda. Manuel passou 13 anos mestre da Banda; Expedito 2 anos, Misael passou três anos mestre da banda foi embora. Espedito 10 anos [mestre] da banda, foi embora. Aí nessa época que ele deixou eu tava na polícia, aí dei baixa, vim praqui. Aí tomei conta da banda até 2000. Ta com dez anos que entreguei a Banda... doze anos, entreguei a Banda em 2000.

Quando eu fui servir ao Exército, tinha 27 anos, eu fui voluntário pra guerra, viu? Fui com 27 anos pra guerra [Segunda Guerra Mundial], aí passei um ano e quatro meses no exército em João Pessoa... aí fui distanciado, aí fui pra polícia como Sargento, na, na, na polícia. Passei três anos na polícia, dei baixa e vim trabalhar com o irmão meu em Campina Grande numa sapataria. Aí foi quando entrei no comércio, passei uma temporada mais meu irmão... aí meu irmão botou um comércio, uma Casa de Retalho. Butou uma casa de negócio aqui, aí butei uma Sapataria... passei 23 anos na sapataria. Não dava muito, mas ganhava para sustentar os filhos.

Eu não fui [para o exercito] lutar no campo de guerra, fui não... Eu era doidinho que fosse... Eu queria ir pra ganhar bem muito dinheiro, era... Mas fui ser músico. Fui pra ganhar dinheiro. A minha função era músico, a chamada de músico era muito difícil para ir

lá. E já havia banda de música lá, aí fui licenciado, fiz parte da banda de música de lá, era músico regente.

Passsei um ano e quatro meses como músico. Quando eu fui pra lá fiz um teste pra entrar na banda. Fui logo classificado, entrei na 4ª classe. A quarta classe hoje é considerada como Cabo, naquela época a classificação como músico não era por promoção era por classificação. Existia a quarta, terceira, segunda, primeira, viu? A primeira classe era uma dos melhores da banda, a 4ª classe era considerado Cabo. Aí o Governo mudou... deu promoção a todos os músicos do Brasil, de classe a promoção, viu?

A promoção viu? Aí, eu já tava na polícia, tava na polícia na 4ª classe, e fui promovido a 3º Sargento... Comecei ganhar melhor, né? Cezar já era músico bom, mas era alfaiate. Ele agora ta muita doente em Campina Grande, aí melhorou o negócio, né? Tinha uma alfaiataria e uma camisaria, mas, César não fez parte do exército... era músico tinindo, ele fez parte de uma Orquestra campinense não era músico do exército, não, ele era músico, era...

Eu estudei a música com 13 anos, era de graça, era o padre, era sociedade, né? Era a sociedade que pagava – os comerciantes. Todos os comerciantes davam uma contribuição, dava ao Padre e o Padre pagava ao mestre, Padre Anacleto, Padre Antônio Anacleto. Os primeiros alunos era eu, meu irmão... e os outros eram daqui, tudo família, era tudo parente um do outro, era de 14 a 15 anos, entrou bem 40, mas foi diminuindo, diminuindo e findou 12 ou 13, 13 músicos que deram pra músico.

Ainda hoje essa Banda continua com certo conceito. Ela é uma das bandas daqui da região que tem um privilégio é a única banda que sai pra tocar fora aqui é ela. Eu submeti a três concursos, um em Campina Grande... é..., nós tiramos em 2º lugar; outro em João Pessoa, também tirei em 2º lugar; outro em Sousa, tirei em 1º lugar. O concurso em Campina Grande foi uma empresa de São Paulo... Uma, uma firma Argo Industrial de São Paulo. Tem na história, na história você vai ver todinha, viu? Em João Pessoa foi a promoção da Secretaria de Turismo. Já em Campina Grande foi desse estudante, povo de medicina..., quando ta fazendo medicina como chama...? Faculdade, mas não ganhamos nada. Disseram que iam dá um agrado em dinheiro e nada. Ainda procurei depois... Nos enganaram, ficavam jogando pra um, pra outro, ficou por isso mesmo... Eles não tinham dinheiro mesmo. Mas ganhamos a divulgação de nossa banda e da nossa cidade... Depois desses concursos apareciam muitos convites pra tocata, ganhamos destaque... A banda ficou conhecida foi bom!

Apesar de eu não ser político, né? Eu tive ainda cargos políticos: vereador, vice-prefeito... Eu fui vice-prefeito no ano de 1974 e o prefeito foi doutor Manoelzinho Nogueira Neto. E a temporada que passei como vice-prefeito não melhorou nada pra banda de música... Nunca consegui nada pra banda... O Prefeito, eu pedia alguma coisa a ele, mas a situação... Ele dizia: vamos aguardar... E o tempo ia se passando e não recebia nada. Era muito precário naquela época... Até pra receber o ordenado era um sacrifício. Naquela época o Prefeito ganhava mil cruzeiros. Pra receber, a gente passava dois a três meses sem receber. Não havia esse apoio do Governo, o governo dar uma participação... Não havia não, não havia nada... Era tudo por conta da Prefeitura, a renda só a do Município. Hoje não, além de a Prefeitura ter uma renda, recebe também do Governo, a participação que chama, né?

Ah! A cidade de Uiraúna naquele tempo, dos anos 70... Tudo era mais fraco... Era menos transporte, menos gente, o comércio mais fraco... Tudo era difícil, tudo era resumido. Hoje não, tudo é mais desenvolvido, né? Hoje tem uma população maior, hoje tem mais renda, tem mais transporte, tem mais como é que se diz? Tem mais possibilidade de ter um bom desenvolvimento, né? Estrada não tinha... A estrada era estrada carroçal, né? Tudo era mais difícil...

Pra ir para Campina Grande a gente ia num dia pra chegar no outro. Hoje não... Sai daqui seis horas [6:00h], onze hora [11:00h] está em Campina... uma estrada boa, né? Na época mais atrás tudo era mais difícil. O transporte melhor que tinha era o cavalo, andar a cavalo [riso], tudo era mais difícil.

Quando eu era vice-prefeito nos anos 70, a sociedade... Os uiraunenses era mais religioso porque tinha menos gente... Só tinha uma igreja mesmo..., não existia outra igreja mesmo, a não ser a Igreja Católica... Mas agora é diferente... Só no Uiraúna, eu to sabendo, existe 07 capelas de crente, né? Nesse tempo todos era da Igreja [Católica], nesse tempo não tinha outra igreja, não... Hoje tem muitas capelas aí... Crentes, né? Hoje existe de tudo. Portanto, só existia católicos naquela época, hoje existem muitos outros.

No meu tempo, Padre Anacleto... Aqui apareceu uma pessoa pra abrir uma igreja dessa e o Padre conseguiu, viu? Não sei como a população aceitar, apoiar o povo, né! Repudiar... E o camarada não conseguiu, né? O Padre conseguiu, mas daí por diante não... Já ta contaminado, né? A Igreja Católica não persegue mais crente, não debate pra acabar com aquela Religião, não... Hoje sim, cada macaco no seu galho, né [riso]?

Uiraúna ainda hoje continua com essa melodia: Terra dos músicos e dos sacerdotes. Mas eu não mim lembro não, quando foi colocado não. Ainda continua sendo essa

filosofia: Terra dos músicos e dos sacerdotes. Os padres, né? Os padres né...? Padres e Bispos, tudo saíram daqui. E padre... Muitos padres. Só na Quixaba, do povo da Quixaba, parece que até hoje surgiu mais de 20 padres da Quixaba, é Município daqui, Uiraúna Terra dos músicos, muito interessante né? Nessa fase surgiu..., independente da antiguidade né?

Ser músico é arranjar uma profissão... É arranjar uma profissão, ter a alternativa de entrar... como é... de fazer concurso pra o exército, pra polícia, pra Eronáutica... né? Então é arranjar uma profissão.

Quando eu comecei a ser músico tinha esse mesmo significado. A escola de música tinha outras finalidades, a Banda de Música não tocava só pra Igreja... Servia pra outras coisas né? Que tivesse essa finalidade de música, né? Pra Igreja, pra o carnaval, pra o São João na Roça... Pra todas essas, essas finalidades. Não era só pra uma coisa não... A música era uma coisa assim... como é que se diz... Era como um lazer. A música viu? Na minha época não era uma coisa de profissão [tom da voz devagar]... Nos anos 50, 60, 70, é. Já hoje não, o camarada quer aprender música pra fazer concurso pra o exército, pra política. No meu tempo tudo era as tocatas particular, viu? Tocata particular numa festa de igreja... contratado, qualquer festa que houvesse, né? Não era como hoje.

Hoje tem mais acesso, o camarada que aprende música pode, pode arranjar uma coisa melhor na vida dele... Também eu não fui dos mais fracos. Eu até arranjei alguma coisa com música... Eu era músico e comerciante. Vivia das duas coisas... Os colegas chegavam ao comércio e combinavam pra uma tocata, era assim... Eu era comerciante e era músico também. Eu fazia as duas coisas num tempo só... Eu vivia do meu comerciazinho e quando era o tempo de tocar, tocava também... Bem, ninguém ficava no meu comércio porque o período de tocar era muito resumido, não era tocata extensa, era um dia pra outro, aí eu fechava o comércio, não precisava botar substituto não.

O comércio naquela época era um comércio resumido, era coisa pouca... Precisava misturar uma coisa com a outra pra poder ir vivendo. Só uma coisa não dava, não..., só o comércio não dava e só a música sozinha, não dava.

O comércio e a música serviram pra manter minha casa, pra formar meus filhos, graças a Deus. Com esse ordenadozinho de música e comércio. A agricultura também, eu plantava era... Nessa época plantava, tinha umas propriedades... Plantava algodão também. Tudo ajudava viu? Era uma misturada... [riso]. Hoje não, hoje é mais fácil acesso a emprego... Naquela época não, o emprego era mais difícil.

A Banda de 1914 até 1927 recebe o nome de “Costa Correa”, mas, na restauração..., Aí foi o padre quem mudou o nome da Banda, porque a Banda também era da Igreja, os instrumentos também da Igreja. Naquela época todo instrumento era da Igreja... A Banda era da Igreja, então o padre achou por bem botar o nome da Igreja na Banda. O nome da Banda foi pela autoridade do padre, até hoje o nome continua Banda Jesus Maria José [passa um veículo de propaganda bastante alto, interrompe a conversa e seu Dedé fala: “propaganda... é poluição mesmo”]. A Banda, esta Banda está sob a autoridade do padre.

Eu ficava satisfeito quando falavam no meu nome..., como maestro da Banda, porque tinha esse destaque, num era? Sobre o remunerado, não tinha nada... Era do mesmo jeito, do jeito dos outros... somente o valor de ter aquela personalidade, né? Tinha aquela validade, maestro, tal...

Desde 1930 a Banda era sustentada pela Igreja... Já com a evolução do tempo, né? ...melhorar de vida... criou-se uma Sociedade: Difusão Artística de Uiraúna. Então essa Sociedade desligou-se, retirou da Igreja, viu? Desligou-se... O vigário recolheu todos os instrumentos, os instrumentos que era da Igreja... recolheu. Eu não sei o que ele fez com aqueles instrumentos. E a Banda continuou sem esses instrumentos e continuou com essa Sociedade filantrópica... Ela recebe dos bancos, verbas pra comprar os instrumentos. Esses instrumentos melhorou a situação da Banda, viu? Era muito precária, viu? Agora não, com essa Sociedade filantrópica, temos o direito de pedir as instituições... Recebe [a banda] um instrumento, dois. No ano passado a Banda recebeu 31 instrumentos dado pelo Banco do Nordeste, encaminhada pela Sociedade. É tanto que essa Banda hoje, não tem nada... Apenas o nome é da Igreja, mas não tem nada de benefício pela Igreja, não. Eu sei, ele...

O Padre pegou os instrumentos dizendo que ia ajeitar pra... Ele recolheu dizendo que ia botar uma escola de garotos, ia mandar esses instrumentos pra Recife e não sei que fim levou. Eu ouvi falar que ele deu alguns desses instrumentos. A Banda não ficou sem nada porque já tinha a metade, menos da metade e daí pra cá, foi adquirindo o resto. É tudo da Sociedade.

Eu como maestro da Banda, não fiz nada, o que ele pediu, eu entreguei. E a gente já tinha instrumento suficiente pra ir funcionando. Banda pra sociedade e continua tocando pra Igreja [aspecto triste neste momento] Hoje a Banda é independente, não recebe nada da Igreja. E a Prefeitura não dar nada... Mesmo depois que a Banda foi, foi desligada da Igreja... permanecemos os mesmos... a Banda era convidada pra tocar nas solenidades... na Festa de Janeiro... É, é a Festa da Padroeira, na Sagrada Família Jesus Maria e José...

Hoje a mesma coisa... Sempre quando a Banda ia tocar fora, qualquer hora quer voltasse... é de noite, de madrugada, pela manhã... Qualquer hora, já entrava na cidade tocando indo diretamente para o patamar da Igreja... É em forma de gratidão, de agradecimento a Deus pelo sucesso. Hoje ainda é a mesma coisa, qualquer tocata finaliza no patamar da Igreja... A Igreja Jesus Maria José.

No tempo do Prefeito Antônio Aquino, esse benefício à Banda... na época éramos 31 pessoa e ele assinou a Carteira pra todo mundo. Daí pra cá melhorou, hoje o músico faz parte da Igreja espontaneamente, não recebe mais nada da Igreja. Agora já tem os músicos, já tão se aposentando. O resto é tudo músico novo... A prefeitura não dá nada e quando precisa da Banda, paga. Naquela época também só podia entrar na Banda... Primeiro, estudar música... quem era jovem, rapaz. Muitos achavam bonito... [a filha chega e ele diz: “Ela trabalha em Bernardino Batista, é médica, ela é minha filha caçula”] Os jovens entravam mais porque achavam bonito, era...

Eu já fui político, mas, nunca tive vocação pra política. Mas na época, eu era o mestre da Banda... fui contemplado. Fui vereador num período, aí depois noutro período de novo fui vice-prefeito. Fui eleito vereador e fui eleito vice-prefeito, mas nunca que tive vocação pra isso... Era somente por consideração do povo... Mas, eu ganhei quase sem trabalhar porque eu era mestre da música.

Vereador na época, na época que fui vereador não ganhava nenhum tostão... Era de graça. Na época de vice-prefeito não, tinha um ordenado. De vice-prefeito já tinha uma vantagem, já era pago. Mas como vereador não ganhava nada... A gente trabalhava pra sociedade, pra Prefeitura fazia projeto. Nunca arranjei algum benefício pra Banda, nada. Os colegas pediam pra arrumar algum benefício pra banda, mas nunca consegui nada.

A música religiosa naquela época que eu tocava..., hoje não, são as garotas que canta. Na minha época quem fazia parte da cantoria da Igreja era a Banda. A Banda tocava música solene, missa solene, novenário solene, né? Tudo quem tocava era Banda. A música que eu gostava de tocar, música da Igreja, né? Música sacra. Mas, eu não sei cantar nenhuma música... Você acredita que eu fui até mestre da banda, mas eu nunca cantei..., pra cantar eu nunca cantei nem cibasou, viu?

Carnaval... eu toquei mais de cinqüenta carnaval ensaiava, viu? Todo ano ensaiava orquestra pra o carnaval, mas eu nunca ensaiei uma letra, ensaiava a música, mas a letra o cantor se quisesse que cantasse [riso]. Eu não sei cantar nada [riso], pra Igreja a gente tocava, mas tinha as cantoras preparada já praquilo. Não fazia parte da banda não. Antes era os adultos, os jovens... Naquele tempo era tudo misturado. Hoje não, hoje é a juventude

né? Que canta. Quer comparar o tempo antigo com o de hoje? É uma disparidade..., tudo é diferente, tudo é moderno, é moderno... Hoje tudo é moderno. Antigamente tudo era com sacrifício maior do mundo, não tinha nada .

O carnaval! Comecei a tocar sem serviço de som, só com instrumento. Hoje não, só o som dá pra tocar por dez músicos; hoje coloca uma caixa de som, só o som dar uma ampliação. No meu tempo não existia a difusão de som. Não tinha, mas, contratava o serviço de som. Naquele tempo não havia isso, não... O som que saía era da boca da gente. Já no fim do meu mandato pareceu. Eu passei ainda uns dez anos mais ou menos quando apareceu essa facilidade. Contratar o som, ninguém tinha, mas contratava o som.

O que eu posso dizer o mais marcou a minha vida de músico foi à dedicação à música, viu? É ser dedicado, ser apaixonado por aquele ambiente... é... Eu e meus irmãos... tudinho são dedicados à música. Meu pai era um colaborador, gostava muito da música...

Os benefícios..., eu acho os benefícios que a banda trouxe pra Uiraúna foi fazer divulgação. Pra onde ia fazia a divulgação da terra, da cidade. Quando nós se apresentava em outras cidades, perguntavam: donde é essa banda? A gente fazia divulgação da importância da, da convivência da gente na cidade... era isso. A cidade não era falada, conhecida. Dar conhecimento, não é? Fazer com que o mundo conhecesse a cidade, desse nome. Aqui antes... O músico surgiu antes daqui ser cidade..., muitos anos praqui ser cidade. Já Luiz Gomes era cidade e aqui não era. E então a gente dava divulgação, vice? Dizia que a banda era de Uiraúna... era Belém, né? Belém de São João do Rio do Peixe. Hoje é Uiraúna..., os outros nomes o povo não gostava até que chegou esse nome Uiraúna..., aí o povo gostou.

A Banda tinha a dedicação e o respeito... e, e, e, e a devoção! Tudo, tudo era completo... A Banda na época em que os instrumentários eram da Igreja, a Banda ainda era mais dedicada... A convivência da Banda com a Igreja. Os componentes da Banda eram mais ou menos unidos, era. Se tivesse alguma divergência, eu quem aconselhava, conversava com eles. Havia pouca divergência... Mas assim, em toda sociedade aparece uma, uma pessoa contrária, né? Mas o que prevalece é maioria.

Pra mim, ser músico é uma vocação... Ser músico é um dom também, viu? Nem todo mundo consegue ser músico. Matricula 50 alunos, quando termina 5, 6 alunos. Quer dizer, quer dizer que a maior parte não tem vocação. Vai ficar quem teve vocação, facilidade de ter entusiasmo naquela vocação.

Ser músico é um do que Deus dá... Entra uma escola de criança, tem umas que tem habilidade, têm outras que não dá pra nada. Com uma semana ou 15 dias já ta introduzindo

alguma coisa de música, ta aprendendo alguma equação de música, alguma nota de música. É como eu digo: ser músico é uma vocação, é um dom por natureza. Uns mais inteligentes e outros menos.

Eu aprendi alguma coisa de música, mas, eu não fui inteligente, viu? Mais inteligente foi esse meu irmão... Eu não sou compositor, eu fiz uma música, mas não sou compositor. Eu tenho um irmão que todo o ano ele faz música, ainda hoje ele faz. Faz dobrado, faz valsa, faz bolero. E é o músico que toca todo instrumento... Eu não, só sei tocar o meu mesmo..., eu sei tocar só o meu mesmo... O meu instrumento pessoal que tenho em casa é Trombone de vara, ele veio do Japão. Mas eu toquei em vários instrumentos: trombone de vara, trombone e piston, bombardino, trompete e tuba. Teoria muito pouca. Esse meu irmão já tinha teoria, aprofundou-se em teoria.

A Banda possui: 4 a 5 trombone de vara, 5 trompete, 3 tuba, 2 bombardino, 4 sax-alto, 2 tenor, 6 clarineta, 3, trompa, 1 bombo, 1 surdo, 1 prato e 1 caixa/tarol. Hoje as melhores músicas que tem aqui na, na Banda... Os melhores dobrados, os mais bonitos são desse meu irmão.

O que eu pensava na minha mocidade... realizei, tô realizado. Minha vocação de rapaz era mim casar com a pessoa que eu gostasse dela e ter família. Casei graças a Deus, muito bem... família eu tive, houve 10 filhos, se criou oito. Graças a Deus, cada um tem sua profissão, tudo independente da minha pessoa. E então, tô realizado... Sou uma pessoa realizada na vida. Mim considero realizado e conformado com a vida.

Não tenho inveja de ninguém, nunca fui ambicioso por certas coisas não... Fiquei na classe média e ainda continuo sendo da classe média. Eu estou muito feliz com a Banda passei a direção para outro... Um rapaz muito bom, um rapaz responsável, um pai de família exemplar, um bom músico, uma boa pessoa. E a Banda hoje ta melhor do que no meu tempo, eu acho. No meu tempo a Banda chegou até a umas 20 figuras, já hoje ta com 50 figura, bem organizada, já ta mais desenvolvida, né? Ta em melhor condição...

Por isto, já é convidada pra tocar em certas cidades por aí a fora. Ela está superando às outras, né? Aqui tem outras bandas, mas eu gosto desta. Hoje, uns são músicos por vocação e outros são visionários. Muita margem, visão de dinheiro. Tem deles que faz parte só é pra ganhar o dinheiro... Convide pra uma tocata de graça que eles não vão. Eles não vão... Só vão por dinheiro. Têm outros que tocam de graça... Eu tocava de todo o jeito, de graça, à maior parte era de graça. Eu e todo o grupão...

Muitos saíram para outras cidades à procura de ganho. Ainda tem músico ainda na Banda do meu tempo. Mas, já estão perto de se aposentar. Quando eu sai da Banda, graças

a Deus fui bem sucedido, houve reunião... Solenidade, né? Hoje eu sou respeitado por eles todos da Banda. Não passam uma tocata pra eles não vim aqui. O respeito pela minha participação na Banda... Entreguei a Banda na harmonia... Tudo na paz, não houve novela. Todos mim respeitam, graças a Deus... Enfim, o meu prazer é ver a banda de música sempre... Sempre evoluindo, né? O meu prazer é esse...